

MARILIA
DE
DIRCEO.

A. H. de Oliveira
bat. 299, n° 2204

71500

MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

• PRIMEIRA PARTE.



LISBOA:

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS. 1824.

COMPRA
217338

~~64122~~

MARILIA

DE

DIRCEO.

LYRA I.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro;
 Que viva de guardar alheio gado,
 De tosco trato, de expressões grosseiro,
 Dos frios gelos, e dos sões queimado.
 Tenho proprio casal, e nelle assisto;
 Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
 Las brancas ovelhinas tiro o leite,
 E mais as finas lás, de que me visto.

Graças, Marilia ! ella,
 Graças á minha Estrella !

Eu

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
 Dos annos inda não está cortado:
 Os Pastores, que habitão este monte,
 Respeitão o poder do meu cajado.
 Com tal destreza toco a santoninha,
 Que inveja até me tem o proprio Alceste:
 Ao son della concerto a voz celeste;
 Nem canto letra que não seja minha.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
 Só aprêço lhes dou, gentil Pastora,
 Depois que o teu affecto me segura,
 Que queres do que tenho ser Senhora.
 He bom, minha Marilia, he bom ser dono
 De hum rebanho, que cubra monte, e prado
 Porém, gentil Pastora, o teu agrado
 Vale mais q hú rebanho, e mais q hú throno.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina ;
 A quem a luz do Sol em vão se atreve :
 Papoila, ou rosa delicada, e fina ,
 Te cobre as faces, que são côr da neve.
 Os teus cabellos são huns fios d'ouro ;
 Teu lindo corpo balsamos vapora.
 Ah ! não , não fez o Ceo , gentil Pastora ,
 Para gloria de Amor igual Thesouro.

Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Leve-me a sementeira muito embora
 O rio sobre os campos levantado :
 Acabe , acabe a pesce matadora ,
 Sem deixar huma rez , o nedeo gado.
 Já destes bens , Marilia , não preciso :
 Nem me céga a paixão , que o mundo arrasta ,
 Para viver feliz , Marilia , basta
 Que os olhos movas , e me dês hum riso.
 Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Hirás a divertir-te na floresta ;
 Sustentada, Marilia, no meu braço ;
 Aqui descançarei a quente sésta ,
 Dormindo hum leve somro em teu regaço :
 Em quanto a luta jogão os Pastores ,
 E emparelhados correm nas campinas ,
 Toucarei teus cabellos de boninas ,
 Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte
 Ou seja neste monte , ou n'outra serra ,
 Nossos corpos terão , terão a sorte
 De consumir os dous a mesma terra.
 Na campa , rodeada de cyprestes ,
 Lerão estas palavras os Pastores :
 „ Quem quizer ser feliz nos seus amores ,
 „ Siga os exemplos que nos derão estes „
 Graças, Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

L Y R A II.

PINTÃO, Marilia, os Poetas
 A hum menino vendado,
 Com huma aljava de settas,
 Arco empunhado na mão :
 Ligeiras azas nos hombros,
 O tenro corpo despido ;
 E de Amor, ou de Cupido
 São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego ,
 Que assim seja Amor ; pois elle
 Nem he moço, nem he cégo ,
 Nem settas, nem azas tem.
 Ora pois , eu vou formar-lhe
 Hum retrato mais perfeito ,
 Que elle já ferio meu peito ;
 Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos ;
 Que sobre as costas ondeão ,
 São que os de Apollo mais bellos ;
 Mas de loura côr não são.
 Tem a côr da negra noite ;
 E com o branco do rosto
 Fazem , Marilia , hum composto
 Da mais formosa união.

Tem redonda , e lisa testa ;
 Arqueadas sobrancelhas ;
 A voz meiga , a vista honesta ,
 E seus olhos são huns sóes.
 Aqui vence Amor ao Ceo ,
 Que no dia luminoso
 O Ceo tem hum Sol formoso ,
 E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava:
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso ;
 Elle ouvindo os seus louvores
 Com hum modo desdenhoso ,
 Se surrio , e não fallou.
 Pintei-lhe outra vez o estado ;
 Em que estava esta alma posta ;
 Não me deo tambem resposta ,
 Constrangeo-se , e suspirou.

Conheço os signaes , e logo
 Animado da esperança ,
 Busco dar hum desaffogo
 Ao cansado coraçao.
 Pégo em seus dedos nevados ,
 E querendo dar-lhe hum beijo ,
 Cubrio-se todo de pejo ,
 E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
 De Amor o lindo retrato,
 Comtigo estarás dizendo,
 Que he este o retrato teu.
 Sim, Marilia, a copia he tua,
 Que Cupido he Deos supposto:
 Se ha Cupido he só teu rosto,
 Que elle foi quem me venceo.

L Y R A III.

De amar, minha Marilia, a formosura
 Não se podem livrar humanos peitos.
 Adorão os Heróes, e os mesmos brutos
 Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
 Quem, Marilia, despreza huma belleza;
 A luz da razão precisa,
 E se tem discurso, pisa
 A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
 Huma vez se mudou em chuva de ouro :
 Outras vezes tomou as varias formas
 De General de Thebas , velha , e touro ;
 O proprio Deos da Guerra deshumano

Não vivo de amor illeso ;
 Quiz a Venus , e foi prezo
 Na rede , que lhe armou o Deos Vulcano :

Se amar huma belleza se desculpa
 Em quem ao proprio Ceo , e terra move ;
 Qual he a minha gloria , pois igualo ,
 Ou excedo no amor ao mesmo Jove ?
 Amou o Pai dos Deoses Soberano
 Hum semblante peregrino :
 Eu adoro o teu divino ,
 O teu divino rosto , e sou humano.

L Y R A IV.

MARILIA, teus olhos
 São réos, e culpados,
 Que soffra, e que beije
 Os ferros pezados
 De injusto Senhor.

Marilia, escura
 Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
 O sangue gelou-se,
 A lingoa prendeo-se,
 Tremi, e mudou-se
 Das faces a côr.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

A vista furtiva ,
 O risco imperfeito ,
 Fizerão a chaga ,
 Que abriste no peito
 Mais funda , e maior.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te ;
 Levava o teu gado
 A' fonte mais clara ,
 A' vargem , e prado
 De relva melhor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade ,
 Trazia nos ninhos
 As aves nascidas ,
 Abrindo os biquinhos
 De fome ou temor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Se alguem te louvava
 De gosto me enchia;
 Mas sempre o ciume
 No rosto accendia
 Hum vivo calor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
 Dirceo se alegrava;
 Se estavas sentida,
 Dirceo suspirava
 A' força da dor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
 Marilia dizia;
 Surria-se aquella,
 E eu conhecia
 O erro de amor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
 De tanta ternura,
 Nos braços me déste,
 Da tua fé pura
 Hum doce penhor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
 Que tudo podia
 Mudar de figura;
 Mas nunca seria
 Teu peito traidor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
 E a Olaia frondoza,
 Acorde escreveste
 A jura horrorosa,
 Tem todo o vigor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Mas

Mas eu te desculpo,
 Que o fado tyranno
 Te obriga a deixar-me;
 Pois busca o meu damno
 Da sorte, que for.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

L Y R A V.

A caço são estes
 Os sitios formosos,
 Aonde passava
 Os annos gostosos?
 São estes os prados,
 Aonde brincava,
 Em quanto pastava
 O manso rebanho,
 Que Alceo me deixou?

R J.

São

São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia, tu chamas?
 Espera que eu vou.

Daquelle penhasco
 Hum rio cahia,
 Ao som do sussurro
 Que vezes dormia!
 Agora não cobrem
 Espumas nevadas
 As pedras quebradas:
 Parece que o rio
 O curso voltou.

São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia, tu chamas?
 Espera que eu vou.

Meus versos alegre
 Aqui repetia :
 O Eco as palavras
 Tres vezes dizia.
 Se chamo por elle
 Já não me responde ;
 Parece se esconde ,
 Cansado de dar-me
 Os aís que lhe dou.

São estes os sítios ?

São estes ; mas eu
 O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas ?
 Espera que eu vou.

Aqui hum regato
 Corria sereno ,
 Por margés cobertas
 De flores , e feno :
 A' esquerda se erguia
 Hum bosque fechado ;
 E o tempo apressado ,
 Que nada respeita ,
 Já tudo mudou.

São

São estes os sitios ?
 São estes ; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia , tu chamas ?
 Espera que eu vou.

Mas como discorro ?
 Acaso podia
 Já tudo mudar-se
 No espaço de hum dia ?
 Existem as fontes ,
 E os freixos copados ;
 Dão flores os prados ,
 E corre a cascata ,
 Que nunca seccou.

São estes os sitios ?
 São estes ; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia , tu chamas ?
 Espera que eu vou.

Minha alma, que tinha
 Liberta a vontade,
 Agora já sente
 Amor, e saudade.
 Os sitios formosos,
 Que já me agradárão,
 Ah ! não se mudárao !
 Mudárão-se os olhos,
 De triste que estou.

São estes os sitios ?
 São estes ; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia, tu chamas ?
 Espera que eu vou.

L Y R A VI.

Oh! quanto pôde em nós a varia Estrella!
Que diversos que são os genios nossos!

Qual solta a branca vélia,
E affronta sobre o pinho os mares grossos.
Qual cinge com a malha o peito duro;
E marchando na frente das cohortes,
Faz a toare voar, cahir o muro.

Osordido avarento em vão trabalha,
Que possa o filho entrar no seu Thesouro.

Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.
Saco-lhe o jogador do copo os dados;
E n'uma noite só, que ao sonno rouba,
Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz guila o vicio adora
Da lauta meza os prazeres fia.

E o terno Alceste chora
Ao som dos versos a que o genio o guia.
O sabio Gallileo toma o compasso,
E sem var ar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estreillas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a varia gente,
Se deixa conduzir do proprio gosto;
Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se móve,
Ou se a terrá voltea, assim conheço.
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;
E noto as faces de Jasmins, e rosas:
Noto os teus olhos bellos;
Os brancos dentes, e as feições mimosas.
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem pôde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.



L Y R A VII.

Vou retratar a Marilia,
 A Marilia meus amores ;
 Porém como, se eu não vejo
 Quem me empreste as finas cores !
 Dar-mas a terra não pôde ;
 Não que a sua côr mimosa
 Vence o lyrio, vence a rosa :
 O jasmim, e as outras flores.

Ah soccorre, Amor, soccorre
 Ao mais grato empenho meu !
 Vôa sobre os Astros, vôa ,
 Traze-me as tintas do Cœo.

Mas não se esmoreça logo;
 Busquemos hum pouco mais;
 Nos mares talvez se encontrem
 Cores que sejam iguaes.
 Porém não, que em paralelo
 Da minha Ninfá adorada
 Perolas não valem nada,
 Não valem nada os coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
 Ao mais grato empenho meu!
 Vôa sobre os Astros, vôa,
 Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se podem
 Taes bellezas, como aquellas,
 Que Marilia tem nos olhos,
 E que tem nas faces bellas.
 Mas ás faces graciosas,
 Aos negros olhos, que matão,
 Não imitão, não retratão
 Nem Auroras, nem Estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre
 Ao mais grato empenho meu !
 Vôa sobre os Astros, vôa,
 Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,
 Entremos na mesma Esfera.
 Venha Pallas, Venha Juno,
 Venha a Deosa de Cithera.
 Porém não, que se Marilia
 No certame antigo entrasse,
 Bem que a Paris não peitasse,
 A todas as tres vencera.

Vai-te, Amor, em vão soccorres
 Ao mais grato empenho meu :
 Para formar-lhe o retrato
 Não bastão tintas do Ceo.

L Y R A VIII.

MARILIA, de que te queixas?
 De que te roube Dirceo
 O sincero coração?
 Não te deo também o seu?
 E tu, Marilia, primeiro
 Não lhe lançaste o grilhão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas
 Não rulão ternos pombinhos?
 E rulão, Marila, em vão?
 Não se afagão c'os biquinhos?
 E a provas de mais ternura
 Não os arrasta a paixão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izenção?

Já

Já viste, minha Marilia,
 Avezinhas, que não fação
 Os seus ninhos no verão?
 Aquellas com quem se enlação
 Não vão cantar-lhe defronte
 Do molle pouzo em que estão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izenção?

Se os peixes, Marilia, gerão
 Nos bravos mares, e rios,
 Tudo effeitos de Amor são.
 Amão os brutos impios,
 A serpente venenosa,
 A Onça, o Tigre, o Leão.

Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izenção?

As grandes Deosas do Ceo,
 Sentem a setta tyranna
 Da amorosa inclinaçao.
 Diana, com ser Diana,
 Não se abrassa, não suspira
 Pelo amor de Endymião?

Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izençao?

Desiste, Marilia bella,
 De huma queixa sustentada
 Só na altiva opinião.
 Esta chamma he inspirada
 Pelo Ceo; pois nella assenta
 A nossa conservaçao.

Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Não deve ter izençao.

L Y R A IX.

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo;
 Porém não me venceo a mão armada
 De ferro, e de furor:
 Huma alma sobre todas elevada
 Não cede a outra força que não seja
 A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
 Cadêas nas bigornas trabalhadas
 Com pezados martellos:
 Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
 Com duros ferros não, com fios d'ouro,
 Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
 Cupido a tudo faz tyranna guerra:
 Sacode a serra ardente;
 E sendo despedida cá da terra,
 As nuvens rompe, chega ao alto I mpirio,
 E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
 Tirác, Marilia, os succos saborosos
 Das orvalhadas flores:
 Pendentes dos teus beiços graciosos
 Ambrosias chupão, chupão mil feitiços
 Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
 As folhas, que menêa com brandura;
 A fonte crystallina,
 Que sobre as pedras cárde de immensa altura;
 Não forma hum som tão doce, como forma
 A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitão;
 Exalão mil suspiros desvelados
 Enchames de desejos;
 Se encontrão os teus olhos descuidados,
 Por mais que se atropelem, voão, chegão,
 E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago;
 Erguendo as brancas azas, e o pescoco;
 A Não que ao longe passa,
 Quando o vento lhe infuna o panno grosso;
 Q' teu garbo não tem, minha Marilia,
 Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade:
 Eu prézo o captiveiro: sim, nem chamo
 A' mão de Amor impia:
 Honro a virtude, e os teus dotes amo:
 Tambem o grande Achilles veste a saia
 Tambem Alcides fia.

LYRA X.

Sexiste hum peito,
Que izento viva
Da chamma activa,
Que accende Amor.

Ah ! não habite
Neste montado ;
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra , que o Impio
Aqui se esconde :
Não sei aonde ;
Mas sei o que vi.

Traz novas setas ,
Arco robusto ;
Tremi de susto ;
Em vão fugi.

Eu veu mosfrar-vos,
 Tristes mortaes,
 Quantos signaes
 O Impio tem.

Oh ! como he justo,
 Que todo o humano
 Huni tal tyranno
 Conheça bem !

No corpo ainda
 Menino existe:
 Mas quem resiste
 Ao braço seu ?

Ao negro Inferno
 Levou a guerra:
 Vencêo a terra,
 Vencêo o Ceo.

Já mais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!

Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E já mais lanção
A seta em vão.

As suas faces
São côr da neve;
E a bocca breve
Só rizos tem.

Mas, ah! respir
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vem.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.

Fere com estas
'Agudas lanças,
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a seta falta
Tem outra prompta;
Que a dura ponta
Já mais torcêo.

Ninguem resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha dêo.

Ah ! não sustente
 Dura peleija,
 O que deseja
 Ser vencedor.

Fuja, e não olhe,
 Que só fugindo
 De hum rosto lindo,
 Se vence Amor.

LYRA XI.

Não toques, minha Musa, não, não toques
 Na sonorosa Lyra,
 Que ás almas, como a minha, namoradas
 Doces Canções inspira:
 Assopra no clarim, que apenas é
 Enche de assombro a terra;
 Naquelle, a cujo som cantou Homero,
 Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
 Empreza maior;
 Deixemos as ternas
 Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórmā
 Cupido o seu thesouro:
 Vivos olhos, e faces cōr da neve,
 Com crespos fios de ouro;
 Meus olhos só vem grāmas, e loureiros;
 Vem carvalhos, e palmas;
 Vem os ramos honrosos, que distinguem
 As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
 Empreza maior;
 Deixemos as ternas
 Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
 As Serpes despedaça;
 Que fere os Cácos, que destronça as Hidras,
 Mais os leões que abraça.
 Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
 Dos Tritões, e Tyfeos,
 Que arrancão as montanhas, e atrevidos
 Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,
 Empreza maior;
 Deixemos as ternas
 Fadigas de amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
 Que a voz também levanto;
 Porém tu déste muito assima o ponto;
 Dirceo não pôde tanto.
 Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
 Eu já, eu já te sigo.
 Mas, ah! vou a dizer Heróe, e Guerra,
 E só *Marilia* digo.

Deixemos, ó Musa,
 Empreza maior,
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro ? Ah ! sim, agora
 Meu canto já se afina ;
Ea huma voz, parece que ao sôm dellas
 Se faz tambem divina.
O mesmo que cercou de muro a Thebas
 Não canta assim tão terno ;
Nem pôde competir comigo aquelle,
 Que desce ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
 Empreza maior,
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
 Mostrão signaes de espanto,
 Erguem os collos, voltão as cabeças,
 Parão o ledo canto;
 Move-se o tronco, o vento se suspende
 Pasma o gado, e não come:
 Quanto podem meus versos! Quanto pôde
 Só de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó Musa,
 Empreza maior;
 Só posso seguir-te
 Cantando de Amor,

L Y R A XII.

Topei hum dia.

Ao Deos vendado,

Que descuidado

Não tinha as setas

Nâ impia mão.

Mal o conheço,

Me sóbe logo

Ao rosto o fogo,

Que a raiva accende

No coração.

Morre, Tyranno,

Morre, inimigo!

Mal isto digo,

Raivoso o aperto

Nos braços meus.

Tanto que o moço

Sente apertar-se,

Para salvar-se

Tambem me aperta

Nos braços seus.

O leve corpo
 Ao ar levanto,
 Ah ! e com quanto
 Impulso o trago
 Do ar ao chão !

Poude suster-se
 A vez primeira ;
 Mas á terceira
 Nos pés, que alarga ,
 Se firma em vão.

Mal o derrubo ,
 Ferro aguçado
 No já cançado
 Peito, que arqueja ,
 Mil golpes deo.

Suou seu corpo ;
 Tremêo gemendo ;
 E á côr perdendo ,
 Batêo as azas ;
 Em fim morreo.

Qual bravo Alcides ,
 Que a hirsuta pelle
 Vestio daquelle
 Grenhoso bruto ,
 A quem matou.

Para que próve
 A empreza honrada ,
 C' o a mão manchada
 Recolho as setas ,
 Que me deixou.

Ouvio Marilia
 Que Amor gritava ,
 E como estava
 Vizinha ao sitio
 Valer-lhe vem.

Mas quando chega
 Espavorida ,
 Nem já de vida
 O fero monstro
 Indicio tem.

Então Marilia ,
 Que o vê de perto
 De pó cuberto ,
 E todo involto
 No sangue seu ;
 As mãos aperta
 No peito brando ,
 E afflicta dando
 Hum ai , os olhos
 Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
 Compadecida ;
 Lava a ferida
 C' o pranto amargo ,
 Que deramou.

Então o menstro
 Dando hum suspiro ,
 Fazendo hum gyro
 C' o a baça vista ,
 Resuscitou.

Respira a Deosa ;
 E vem o gosto
 Fazer no rosto
 O mesmo efeito ,
 Que fez a dôr.

Que louca idéa
 Foi a que tive !
 Em quanto vive
 Marilia bella ,
 Não morre Amor.

L Y R A XIII.

O h ! quantos riscos ,
 Marilia bella ,
 Não atropella
 Quem cégo arrasta
 Grilhões de Amor !

Hum peito forte ,
 De acordo falto ,
 Zomba do assalto
 Do vil traidor.

O

O amante de Hero
 Da luz guiado,
 C' o peito ousado
 Na escura noite
 Rompia o mar.

Se o Helesponto
 Se encapellava,
 Ah! não deixava
 De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
 A heroicidade
 Esta verdade,
 Minha Marilia,
 Prova tambem.

Cheio de esforço
 Vai ao Cocytto
 Buscar afôito
 Seu doce bem.

Que ação tão grande
 Nunca intentada!
 Ao pé da entrada
 Já tudo assusta
 O coração !

Pendentes rochas ,
 Campos adustos ,
 Que nem arbustos
 Nem hervas dão.

Na funda fralda
 De calvo monte ,
 Corre Acheronte ,
 Rio de ardente
 Mortal licor.

Tem o barqueiro
 Testa enrugada ,
 Vista inflammada ,
 Que mete horror.

Que

Que seguranças !
 Que fechaduras !
 As portas duras
 Não são de lenhos ;
 De ferro são.

Por tres gargantas ;
 Quando alguém bate ,
 Raivoso late
 O negro cão.

Dentro da cova
 Soão lamentos ;
 E que tormentos
 Não mostra aos olhos
 A escassa luz !

Minos a pena
 Manda se intime
 Igual ao crime ,
 Que alli conduz.

Grande penedo
 Este carrega ;
 E apenas chega
 Do monte ao cume ,
 O faz rolar.

A pedra sempre
 Ao valle desce ,
 Sem que elle cesse
 De a ir buscar.

Nas limpas aguas
 Habita aquelle :
 Por cima delle
 Verdejão ramos ,
 Que pomos dão.

Debalde a bocca
 Molhar pertende ;
 De balde estende
 Faminta mão.

Tem outro o peito
 Despedaçado :
 Monstro esfaimado
 Já mais descança
 De lho roêr.

A rôxa carne ,
 Que o abutre come ,
 Não se consome ,
 Torna a crescer.

Mas bem que tudo
 Pavor inspira ,
 Tocando a lyra
 Desce ao Averno
 O bom Cantor.

Não se entorpece
 A lingua , e braço ;
 Não tremem o passo ,
 Não perde a côn.

Ah !

Ah ! tambem quanto
 Dirceo obrára,
 Se precisára ,
 Marilia bella ,
 Do esforço seu !

Rompêra os mares
 C'o peito terno ,
 Fôra ao Inferno ,
 Subíra ao Ceo ,

Aos dois amantes
 De Thracia , e Abydo
 Não deo Cupido
 Do que aos mais todos
 Major valor.

Por seus vassallos
 Forças reparte ,
 Como lhes parte
 Os gráos de Amor.

L Y R A XIV.

MÍNHA bella Marilia, tudo passa;
 A sorte deste mundo he mal segura;
 Se vem depois dos males a ventura,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses
 Sujeitos ao poder do impio Fado:
 Apollo já fugio do Céo brilhante,
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
 Acala de roubar o bem, que temos;
 Até ia triste campa não pudemos
 Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulchro,
 Que seis a vós erguerão, descansando:
 Qual no ampo, e elle arranca os frios essos
 Ferr do torto arado.

Ah!

Ah ! em quanto os Destinos impiedosos
 Não voltão contra nós a face irada,
 Façamos , sim façamos , doce amada ,
 Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração que frouxo
 A grata posse de seu bem difere ,
 A si , Marilia , a si proprio rouba ,
 E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores ,
 E façamos de feno hum brando leito ,
 Prendamo-nos , Marilia , em laço estreito ,
 Gozemos do prazer de tâos Amores.

Sobre as nossas cabeças ,
 Sem que o possão deter , o tempo corre ;
 E para nós o tempo , que se passa ,
 Tambem , Marilia , moire.

Com

Com os annos, Marilia, o gôsto falta,
 E se entorpece o corpo já cançado;
 Triste o velho cordeiro está deitado,
 E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
 He dote, que só goza a mocidade:
 Rugão-se as faces, o cabello alveja,
 Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?
 Que vão passando os florecentes dias?
 As glórias, que vem tarde, já vem frias;
 E pôde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,
 Aproveite-se o tempo, antes que faça
 O estrago de roubar ao corpo as forças,
 E ao semblante a graça.

L Y R A XV.

A MINHA bella Marilia
 Tem de seu hum bom thescuro ,
 Não he , doce Alceo , formado
 Do buscado
 Metal louro.

He feito de huns alvos dentes ,
 He feito de huns olhos bellos ,
 De humas faces graciosas ,
 De crespos , finos cabellos ;
 E de outras graças maiores ,
 Que a natureza lhé dêo :
 Bens , que valem sobre a terra ,
 E que tem valor no Cœo.

Eu posso romper os montes,
 Dar ás correntes desvios,
 Pôr cercados espaçosos
 Nos caudosos
 Turvos rios.

Penso emendar a ventura
 Ganhando astuto a riqueza;
 Mas, ah! charo Alceo, quem pôde
 Ganhar huma só belleza
 Das bellezas, que Marilia
 No seu thesouro metêo?
 Bens, que valem sobre a terra;
 E que tem valor no Ceo.

Da sorte, que vive o rico
 Entre o fausto alegremente,
 Vive o guardador de gado
 Apouçado,
 Mas contente.

Beije pois torpe avarento
 As arcas de barras chêas:
 Eu não beijo os vís thesouros;
 Beijo as douradas cadeas,
 Beijo as seitas, beijo as armas
 Com que o cego Amor venceo:
 Bens, que valem sobre a terra;
 E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo o fero Marte ;
Ama, Alceo, o mesmo Jove :
Não he, não, a vã riqueza ,
 Sim belleza ,
 Quem os move.

Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemclo :
Deixo os bens, que aos homens cegão ,
Sigo dos Deoses o exemplo :
Amo virtudes , e dores ;
Amo em fim , prezado Alceo ,
Bens , que valem sobre a terra ,
E que tem valor no Ceo.

L Y R A XVI.

Eu, Glauceste, não duvido
 Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada.
 Vejo a sua côr de rosa,
 Vejo o seu olhar divino,
 Vejo os seus purpúreos beiços;
 Vejo o peito crystallino;
 Nem ha cousa, que assemelhe
 Ao crespo cabello louro.
 Ah! que a tua Eulina vale,
 Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
A' laranjeira copada,
Estando de flores,
E frutos ornada.

He, Glaucesta, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glaucesta cançára
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Euiina vale,
Val hum immenso thesouro !

Sim, Eulina he huma Deosa;
 Mas anima a formosura
 De huma alma de fera,
 Ou inda mais dura.
 Ah! quando Alceo pondéra
 Que o seu Glaucesta suspira,
 Perde, perde o sofrimento,
 E qual enfermo delira!
 Tenha embora brancas faces,
 Meigos olhos, fios de ouro,
 A tua Eulina não vale,
 Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra;
 Tambem aos olhos he bello;
 Mas quando alumêa,
 Tu tremes de vélo.
 Que importa se mostre chêa
 De mil bellezas a ingrata?
 Não se julga formosura
 A formosura, que mata.
 Evita, Glaucesta, evita
 O teu estrago, e desdouro;
 A tua Eulina não vale,
 Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A' natureza não deve !
Tem divino rosto ,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto ,
Ri-se Marilia contente :
Se canto , canta comigo ;
E apenas triste me sente ,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello louro.
A minha Marilia vale ,
Vale hum immenso thesouro.

L Y R A XVII.

MINHA Marilia ,
Tu enfadada ?
Que mão ousada
Perturbar pôde
A paz sagrada
Do peito teu ?

--

Po-

Porém que muito
 Que irado esteja
 O teu semblante
 Também troveja
 O Claro Céo.

Eu sei, Marilia,
 Que outra Pastora
 A toda a hora,
 Em toda a parte,
 Céga namora
 Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo
 Aonde ha fogo ;
 Assim, Marilia,
 Ha zelos, logo
 Que existe amor.

Olha, Marilia,
 Na fonte pura
 A tua alvura,
 A tua bocca,
 E a compustura
 Das mais feições.

Quem tem teu rosto,
 Ah! não receis,
 Que terno amante
 Solte a cadeia,
 Quebre os grilhões.

Não anda Laura
 Nestas campinas
 Sem as boninas
 No seu cabello,
 Sem pálidas finas
 No seu jubão.

Porém que importa?
 O rico aceio
 Não dá, Marilia,
 Ao rosto feio
 A perfeição.

L Y R A XVIII.

Nonão ves aquelle velho respeitavel,
 Que á moleta encostado,
 Apenas mal se move, e mal se arrasta?
 Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?
 O tempo arrebatado,
 Que o mesmo bronze gasta.

Enrugárn-se as faces, e perdérão
 Seus olhos a viveza;
 Voltou-se o seu cabello em branca neve:
 Já lhe tremem a cabeça, a mão, o queixo;
 Nem tem huma belleza
 Das bellezas que teve,

Assim tambem serei, minha Marilia
 Daqui a poucos annos;
 Que o impio tempo para todos corre.
 Os dentes cahirão, e os meus cabellos.
 Ah! sentirei os damnos,
 Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
 Muito menos penoza.
 Não trarei a moleta carregada:
 Descançarei o já vergado corpo
 Na tua mão piedosa,
 Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem
 Os chuveiros não lance,
 Irei contigo ao prado fluorescente:
 Aqui me buscarás hum sitio ameno,
 Onde os membros descance,
 E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
 Os olhos por aquella
 Vistoza parte, que ficar fronteira;
 Apontando direi: *Alli fallámos,*
Alli, ó minha bella,
Te vi a vez primeira.

Verterá os meus olhos duas fontes,
 Nascidas de alegria:
 Farão teus olhos ternos outro tanto:
 Então darei, Marilia, frios beijos,
 Na mão formosa, e pia,
 Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
 Meu corpo supportando
 Do tempo deshumano a dura guerra.
 Contente morrerei, por ser Marilia
 Quem sentida chorando,
 Meus baços olhos cerra.

L Y R A XIX.

Em quanto pasta alegre o manso gado,
 Minha bella Marilia, nos sentemos
 A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos.

Na regular belleza,
 Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A sabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta
 O novilhino seu dos mais separa,
 E o lambe, em quanto chupa a liza teta.
 Attende mais, ó chara,
 Como a ruiva cadella
 Supporta que lhe morda o filho o corpo;
 E salte em cima della.

Repara, como chēia de ternura
 Entre as azas ao filhō essa ave aquenta :
 Como aquella esgravata a terra dura,
 E os seus assim sustenta ;
 Como se encolleriza ,
 E salta sem receio a todo o vulto ,
 Que junto delles piza .

Que gosto não terá a esposa amante
 Quando der ao filhinho o peito brando ,
 E reflectir então no seu semblante !

Quando, Marilia , quando
 Disser comigo : be esta
 De teu querido pai a mesma barba ,
 A mesma bocca , e testa .

Que gosto não terá a māi , que toca ,
 Quando o tem nos seus braços , c' o dedinho
 Nas faces graciosas , e na bocca
 Do innocentē filhinho !
 Quando , Marilia bella ,
 O tenro infante já com risos mudos
 Começa a conhecē-la !

Que

Que prazer não terão os pais ao verem
 Com as mães hum dos filhos abraçados;
 Jogar outros a luta, outros correrem
 Nos cordeiros montados !
 Que estado de ventura !
 Que até naquillo, que de pezo serve,
 Inspira Amor doçura.

L Y R A XX.

Em huma frondosa
 Roseira se abria
 Hum negro botão.
Marilia adorada
 O pé lhe torcia
 Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
'A abelha inraivada
O corpo escondêo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordêo.

A penas lhe morde,
Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que nos bosques
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deoza mostrou;
Rizonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah ! dá-me attenção;
E como daquelle,
Que feres, e matas,
Não tens compaixão ?*

L Y R A X I.

Não sei, Marilia, que tenho,
Depois que vi o teu rosto ;
Pois quanto não he Marilia,
Já não posso ver com gosto.

Noutra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro :
Hoje, ó bella, me aborrece
Inda o trato lizongeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto !
Serão effeitos de amor ?

Sáio

Sáio da minha cabana
 Sem reparar no que faço ;
 Busco o sitio aonde moras ,
 Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,
 Aonde , Marilia bella ,
 Tu chegas ao fim do dia ;
 Se alguém passa , e te saúda ,
 Bem que seja cortezia ,
 Se accende na face a cór.
 Que effeitos são os que sinto !
 Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marilia , contigo ,
 Não tenho hum leve cuidado ;
 Nem me lembra , se sãu horas
 De levar à foque o gado.

Se vivo de ti distante,
 Ao minuto, ao breve instante,
 Finge hum dia o meu desgosto:
 Já mais, Pastora, te vejo
 Que em teu semblante composto
 Não veja graça maior.
 Que effeitos são os que sinto!
 Serão effeitos de Amor?

Aonde já com o juizo;
 Marilia, tão perturbado,
 Que no mesmo aberto sulco
 Metto de novo o arado.

Aqui no centêo pégo,
 Noutra parte em vão o cégo:
 Se alguém comigo conversa,
 Ou não respondo, ou respondo
 Noutra coiza tão diversa,
 Que nexo tão tem menor.
 Que effeitos são os que sinto!
 Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro
 Só Marilia me desvella:
 Enche-se o peito de magoa,
 E não sei a causa della.

Mal durmo, Marilia, sonho,
 Que féro leão medonho
 Te devora nos meus braços:
 Gella-se o sangue nas veias.
 E sólio do somno os laços
 A' força da imensa dor.
 Ah! que os efeitos que sinto
 Só são efeitos de Amor.

L Y R A XXII.

Muito embora, Marilia, muito embora
 Outra belleza, que não seja a tua,
 Com a vermelha roda, a seis puxada,
 Faça tremer a rua.

As paredes da sallā aonde habita
 Adorne a seda, e o tremó dourado;
 Pendão largas cortinas, penda o lustre
 Do této apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,
 Nem andarás nos coches voadores;
 Porém terás hum Vate, que te preze,
 Que cance os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
 E da palida morte a mão tyranna
 Arraza os edifícios dos Augustos,
 E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão
 De quem nem se quer temos a memoria!
 Só podem conservar hum nome eterno
 Os versos, ou a historia;

Se não houvesse Tasso, nem Petrarcha,
 Por mais que qualquer dellas fosse linda,
 Já não sabia o mundo, se existirão
 Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada
 Por quantos hão de vir sabios humanos,
 Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
 Que morrem com os annos.

LYRA XXIII.

NUM sitio ameno
 Cheio de rosas,
 De brancos lyrios,
 Murtas viçosas;

Dos seus amores
 Na companhia
 Dirceo passava
 Alegre o dia. Em

Em tom de graça,
 Ao terno amante
 Manda Marilia
 Que toque, e cante.

Péga na lyra,
 Sem que a tempeie,
 A voz levanta,
 E as cordas fere.

C'os doces pontos
 A mão atina,
 E a voz iguala
 A voz divina.

Ella, que seve
 De rir-se a idéa,
 Nem move os olhos
 De assombro cheia.

Então Cupido
Apparecendo ;
A' bella falla
Assim dizendo :

*Do rea amado
À lyra fias,
Só porque delle
Zombando rias?*

*Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
A lingoa, e braço.*

*Nem creias que outro
Estylo tome,
Sendo eu o mestre,
A ação seu nome.*

L Y R A XXIV.

ENCHEO, minha Marilia, o grande Jove
 De immensos animaes de toda a especie
 As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros rios,
 Dos negros, fundos mares.
 Para sua defeza,
A todos dêo as armas, que convinha;
 A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;
 Dêo ao peixe escamoso as barbatanas:
 Dêo veneno á serpente,
 Ao membrudo Elefante a enorme tromba,
 E ao Javali o dente.
 Coube ao leão a garra:
 Com leve pé saltando o servo foge;
 E o bravo touro marra.

Ao

Ao homem dêo as armas do discurso
 Que valem muito mais que as outras armas :
 Dêo-lhe dedos ligeiros,
 Que podem converter em seu serviço
 Os ferros, e os madeiros ;
 Que tecem fortes laços ,
 E forjão raios com que aos brutos cortão
 Os vôos , mais os passos.

A's tiunidas donzellas pertencerão
 Outras armas , que tem dobrada força :
 Dêo-lhes a Natureza
 Além do entendimento, além dos braços
 As armas da belleza.
 Só ella ao Cœo se atreve ,
 Só ella mudar pôde o gello em fogo ,
 Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
 Quem arrancou da mão de Coriolano
 -A cortadora espada.

Vejo que foi de Helena o lindo rosto
 Quem póz em campo armada
 Toda a força de Grecia.

E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
 Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspirão,
 O braço desarmar do mesmo Achilles;
 Se estes rostos irados ,
 Podein soprar o fogo da discordia
 Em povos aliados;
 Hes arbitra da terra;
 Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo
 A paz, e a dura guerra.

L Y R A XXV.

O cego Cupido hum dia
 Com os seus Genios fallava,
 Do modo que lhe restava
 De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,
 Hum dos Genios mais sagazes
 Este conselho lhę dēo :

As settas mais aguçadas,
 Como se em roxa batessem,
 Dão nos seus peitos, e descem
 Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia
 Podem vencer hum tão duro,
 Tão izento coração.

A fortuna desta empreza
 Consiste em armar-se o laço,
 Sem que sinta ser o braço,
 Que Iho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,
 Que já deixáráo as pennas
 No visco do Caçador.

Na força deste conselho
 O raivoso Deos socega,
 E á tropa a honra entrega
 De o fazer executar.
 Todos pertendem ganhá-la,
 Batem as azas ligeiros,
 E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultárao
 Da Deosa nos olhos bellos ;
 Qual se enlaçou nos cabellos ;
 Qual ás faces se prendêo.

Hum amorinho cansado
 Cahio dos labios ao seio ,
 E nos peitos se escondêo.

Oistro Genio mais astuto
 Este novo ardil alcança ,
 Mida-se n'uma criança
 D: divino parecer.

Esconde as azas , e a venda ;
 Esconde as setas , e quanto
 Pode dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
 Todo de graças cuberto,
 Tão risonha, e tão esperta
 Alli sózinho brincar.

A elle endireita os passos;
 Finge Amor ter medo, e a Deosa
 Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
 Elle fugia, e chorava:
 Assim forão onde estava
 O descuidado Pastor.

Este, mal viu a belleza,
 E o gentil menino, entende
 A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
 Cerra os olhos, e constante
 Não quer ver o seu semblante,
 Não o quer ouvir falar.

Qual Ulysses n'outra idade
 Para illudir as Serças
 Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
 Julga o intento frustrado,
 E de raiva transportado
 O corpo no chão lançou.

Traçou a lingoa nos dentes;
 Mettêo as unas no rosto,
 E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia
 Entre os peitos da Pastora ,
 Erguêo a cabeça fóra ,
 E o successo conhecêo.

Deixa o socego em que estava ,
 E vai ligeiro metter-se
 No peito do bom Dirceo.

Apenas c' o brando peito
 Lhe tocou a neve fria ,
 Com o calor que trazia
 Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,
 Abre os seus olhos , e sólta
 Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
 Ao triste Pastor disposto
 Para ver o lindo rosto,
 Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,
 Cada hum com ellas busca
 Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
 Lhe fórmā hum Cupido laços,
 Que lhe segurão os braços,
 Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste;
 Antes beija satisfeito
 As suas doces prizões.

L Y R A XXVI.

O DE'STRO Cupido hum dia
 Extrahio mimosas cores
 De frescos lyros, e rosas,
 De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
 Usa de huma, e de outra tinta,
 E nos angulos do cobre
 A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
 No seu lizo centro escreve
 Hum letreiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,
 E lêo a letra engenhosa,
 Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*
Dôs: a Marilia formosa.

L Y R A XXVII.

ALEXANDRE, Marilia, qual o rio
Que engrossando no Inverno tudo arraza;

Na frente das cohortes

Cérca, vence, abraza

As Cidades mais fortes.

Foi na gloria das armas o primeiro,

Morrêo na flor dos annos, e já tinha

Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,

Foi, Marilia, sómente

Hum ditozo pirata,

Hum salteador valente.

Se não tem huma fama baixa, e escura;

Foi por se pôr ao lado da injustiça

A insolente ventura.

...

Q

O grande Cesar, cujo nome vôle,
A sua mesma Patria a fé quebranta;

Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heróe por hum delicto;
Se acaso não vencesse então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra;
Espalha o sangue humano,
E despovoa a terra
Tambem o máo tyranno.

Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto pôde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella;
Seguindo da virtude a honroza estrada.

Ganhei, ganhei hum throno.

Ah! não manchei a espada,

Não a roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro.

Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;

Nem descansão seguros

Nos Palacios cercados

De tropa, e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia

A quem mudou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria?

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
 Nos braços do descânço, e mais do gosto:
 Quando estou acordado,
 Contemplo no teu rosto
 De graças adornado;
 Se durmo logo sonho, e alli te vejo.
 Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
 A mais o meu desejo.

L Y R A XXVIII.

CUPIDO tirando
 Dós hombros a aljava,
 N'um campo de flores
 Contente brincava.

E o corpo tenrinho
 Depois enfadado,
 Incauto reclina
 Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deos a não sente.

Os Fau^{os}, mal vitão
As armas roubadas,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde, dizendo:

*Temieis as setas
Nas minhas mãos cruas?
Vereis o que podem
Agora nas suas.*

L Y R A XXIX.

O TYRANNO Amor risonho
 Me apparece, e me convida
 Para que seu jugo acceite ;
 E quer que eu passe em deleite
 O resto da triste vida.

O sonoro Anacreonte
 (Astuto o moço dizia)
Já perto da morte estava,
Inda de amores cantava ;
Por isso alegre vivia.

Aos negros, duros pezares
Não resiste bum peito fraco,
Se Amor o não fortalece :
O mesmo Jove carece
De Cupido, e mais de Bacco.

Eu lhe respondo: *Perjuro*
Nada creio do que dizes;
Porque já te fui sujeita,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.

Amor, vendo que da offerta
 Algum apreço não faço,
 Me diz affôito que trate
 De ir com elle a combate
 Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
 Cinjo primeiro que tudo
 O brilhante arnêz, e á pressa
 Ponho hum elmo na cabeça,
 Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento,
 Marilia (oh Ceos!) me apparece:
 Logo os olhos me fita,
 O meu coração palpita,
 A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno :
Confessa louco o teu erro ;
Contra as armas da belleza
Não vale a externa defeza.
Dessa armadura de ferro.

L Y R A XXX.

JUNTO a huma clara fonte
 A māi de Amor se sentou :
 Encostou na mão o rosto ,
 No leve sono pegou.

Cupido , que a vio de longe ,
 Contente ao lugar correô ;
 Cuidando que era Marilia
 Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada :
 Amor a conhece ; e então
 Da ousadia , que teve ,
 Assim lhe pede o perdão :

Foi facil, ó Mãe formosa ,
Foi facil o engano meu ;
Que o semblante de Marilia
He todo o semblante teu.

L Y

L Y R A XXXI.

MINHA Marilia,
 Se tens belleza,
 Da natureza
 He hum favor.
 Mas se aos vindouros
 Teu nome passa,
 He só por graça
 Do Deos de amor,
 Que terno inflamia
 A mente, o peito
 Do teu Pastor.

Em vão se virão
 Perlas mimosas,
 Jasmins, e rosas
 No rosto teu.
 Em vão terias
 Essas estrellas,
 E as tranças bellas,
 Que o Ceo te dêo;
 Se em doce verso
 Não as cantasse
 O bom Dirceo.

O voraz tempo
 Ligeiro corre :
 Com elle morre
 A perfeição.
 Essa , que o Egypto
 Sábia modera ,
 De Marco impêra
 No coração ;
 Mas já Octavio
 Não sente a força
 Do seu grilhão.

Ah ! vem , ó bella ,
 E o teu querido
 Ao Deos Cupido
 Louvores dar ;
 Pois faz que todos
 Com igual sorte
 Do tempo , e morte
 Possam zombar :
 Tu por formosa ,
 E elle , Marilia ,
 Por te cantar .

Mas

Mas ai ! Marilia,
 Que de hum amante,
 Por mais que cante,
 Gloria não vem !
 Amor se pinta
 Menino, e cego :
 No doce emprêgo
 Do charo bem
 Não vê defeitos,
 E augmenta, quantas
 Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
 Em seu conceito,
 Nutrio no peito
 Nescia paixão ?
 Todas aquellas,
 Que vês cantadas,
 Forão dotadas
 De perfeição ?
 Forão queridas;
 Poém formosas
 Talvez que não;
 Po-

Porém que importa
 Não valha nada
 Seres cantada
 Do teu Dirceo ?
 Tu tens, Marilia,
 Cantor celeste ;
 O meu Glaucesta
 A voz ergueo ;
 Irá teu nome
 Aos fins da Terra ,
 E ao mesmo Cco.

Quando nas azas
 Do leve vento
 Ao Firmamento
 Teu nome for :
 Mostrando Jove
 Graça extremosa ,
 Mudando a Esposa
 De inveja a cõr ;
 De todos ha-de ,
 Voltando o rosto ,
 Sairir-se Amor.

Ah !

Ah! não se manche
 Teu brando peito
 Do vil defeito
 Da ingratidão:
 Os versos beija,
 Gentil Pastora,
 A penna adora,
 Respeita a mão,
 A mão discreta,
 Que te segura
 A duração.

LYRA XXXII.

NUMA noite socegado
 Velhos papeis revolvia,
 E por ver de que tratavão
 Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas
 De quantos versos melhores
 Eu compuz na tenra idade
 A meus diversos amores. — Aqui

Aqui leio justas queixas
 Contra a ventura formadas,
 Leio excessos mal aceitos,
 Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas
 Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'huiu grande monte
 Os soltos papeis, e logo,
 Porque reliquias não fiquem,
 Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego
 Com semblante carregado
 Assim me falla, e crimina
 O meu intento acertado.

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor atreveido,
Essas Lyras não te forão
Inspiradas por Cupido?

Achas

*Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha gloria?*

Disse Amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar humas Lyras,
Que não saõ em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua;
De he tua esta maõ; que os rasga,
Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c' o vento,
Que formou batendo as azas.

5.

LY.

L Y R A XXXIII.

P E'GA na lyra sonora,
 Péga meu charo Glaucoste;
 E ferindo as cordas de ouro,
 Mostra aos rusticos Pastores
 A formosura celeste
 De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

Que concurso, meu Glaucesta,
 Que concurso tão ditoso !
 Tu és digno de cantares
 O seu semblante divino ;
 E o teu canto sonoroso
 Tambem do seu rosto he dino.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella !
 E em nada a cópia
 Se affasta della.

Para pintares ao vivo
 As suas faces mimosas,
 A discreta Natureza
 Que providencia não teve !
 Creou no jardim as rosas,
 Fez o lyro, e fez a neve.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella !
 E em nada a cópia
 Se affasta della.

A pintar as négras tranças
 Peço que mais te desvellos :
 Pinta chusmas de amorinhos
 Pelos seus fios trepando ;
 Huns tecendo cordas delles ,
 Cutros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta
 A miuha bella !
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

Para pintares , Glaucesta ,
 Os seus beiços graciosos ,
 Entre as flores tens o cravo ,
 Entre as pedras a granada ;
 E para os olhos formosos ,
 A estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta
 A minha bella !
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

Mal retratares do rosto
 Quanto julgares preciso,
 Não dés a cópia por feita;
 Passa a outros dotes, passa,
 Pinta da vista, e do riso
 A modestia, mais a graça.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
 Com expressões delicadas;
 Os seus pés, quando passeão,
 Pizando ternos amores;
 E as mesmas plantas calcadas
 Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
 Hum terno amante beijando
 Suas douradas cadeias;
 E em doce pranto desfeito,
 Ao monte, e valle ensinando
 O nome, que tem no peito.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella !
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

Nein suspendas o teu canto,
 Inda que, Pastor, se veja
 Que a minha bocca suspira,
 Que se banha em pranto o rosto;
 Que os outros chorão de inveja,
 E chora Dirceo de gosto.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella !
 E em nada a cópia
 Se affaste della.

FIM DA I.^ª PARTE.



MARILIA

D E

D I R C E O.

P O R T. A. G.

S E G U N D A P A R T E.



LISBOA: 1824.

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS.

2018-09-21

2018-09-21

2018-09-21



M A R I L I A

D E

D I R C E O.

L Y R A I.

JA' não cínjo de loiro a minha testá,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira;
Ah ! que nem me resta
Huina já quebrada,
Mal sonora Lyra !

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,
 Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;
 Beim que tosça, e fêa,
 Agora me pôde
 Ministrar a tinta.

Aos mais preparamos o discurso apronta:
 Elle me diz, que faça no pé de huma
 Má laranja ponta,
 E delle me sirva
 Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo
 Verás, Marilia, huma idéa nova:
 Sim, eu já te escrevo,
 Do que esta alma dita
 e Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,
 Nada obra em te adorar, que assombro faça;
 Mostra mais ternura
 Quem te estima, e morre
 Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
 Ainda vendo estou teus olhos bellos,
 A testa formosa,
 Os dentes nevados,
 Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
 A chusma dos Cupidos, que pendentes
 Dessa bôcca linda,
 Nos ares espalhão
 Suspiros ardentes.

Se algueym me perguntar onde eu te vejo,
 Responderei — no peito — que huns Amores
 De casto desejo
 Aqui te pintárão,
 E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah ! nessa hora
 Teu Retrato fizerão, e tão forte,
 Que entendo, que agora
 Só pôde apagallo
 O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Céos, que pejo !
 Descubro a lér-me os versos o Deos loiro.
 Ah ! da-lhes hum beijo,
 E diz-me que valem
 Mais que letras de oiro.

L Y R A II.

ESPREMA a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has-de ver, Marilia, o modo escrito
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Iódem muito conheço, pódem muito,
As Furias infernaes, que Pluto move;
Mas pôde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos converteo em flor mimosa;
 À quem seu nome derão, a Narciso,
 Fêz d muitos os Astros,
 Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias
 Do nescio, do atrevido ingrato povo;
 Em nova flor mudar me,
 Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occulos
 Em tão tyranno mal me não socorrem,
 Verás então, que os sabios,
 Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hûm coração maior que o mundo.
 Tu, formosa Marilia, bem o sabes;
 Hum coração, e basta,
 Onde tu mesma cabes.

L Y R A III.

SUCCEDE, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
A' quente secca estação.

Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas Primaveras,
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
 Armadas redes os passos ;
 Rompem depois os seus laços,
 Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos ;
 Só a minha sorte não ?

Nenhum dos homens conserva
 Alegre sempre o seu rosto ;
 Depois das penas vem gosto ,
 Depois do gosto afflicção.

Muda-se a sorte dos homens ;
 Só a minha sorte não ?

Aos altos Deoses movêrão
 Soberbos Gigantes guerra ;
 No mais tempo o Céo , e a Terra
 Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deoses ;
 Só a minha sorte não ?

Hade, Marilia, mudar-se
 Do destino a inclemencia:
 Tenho por mim a innocencia,
 Tenho por mim a razão.

Muda-se a sorte de tudo;
 Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
 Os troncos, pedras, e o cobre,
 O véo rompe, com que encobre
 A' verdade a vil traição.

Muda-se a sorte de tudo;
 Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,
 Mais me dará do que eu tinha,
 Tornarei a ver-te minha.
 Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,
 Só a minha sorte não.

L Y R A IV.

JA', já me vai, Marilia, branquejando
 Loiro cabello, que circúla a testa.
 Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
 E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
 E vão-se sobre os ossos enrugando,
 Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
 Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
 As forças dos meus membros já se gastão,
 Vou a dar pela casa huns curtos passos,
 Pesado-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
 Vê que assim me não pôz a mão dos annos;
 Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
 Fazem os meus danos.

Mal te vir me dará em poucos dias;
 A minha mocidade o doce gosto;
 Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
 Voltar a cór ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão,
 Na Primavera, que aos mortaes encanta,
 Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
 Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
 Mas logo que a doença fez seu termo,
 Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
 O definhado enfermo.

Suppoé-me qual doente, ou qual a planta,
 No meio da desgraça, que me altera:
 Eu tambem te supponho qual saude,
 Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
 Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;
 Que efeitos não farão, em quem por elles
 Sempre morriêo de amores?

L Y R A V.

O s mares, minha bella, não se movem;
 O brando Norte assopra, nem diviso
 Huma nuvem sequer na Esfera toda,
 Q destro Nauta aqui não he preciso;
 Eu só conduzo a não, eu só modéro
 Do seu governo a roda.

Mas ah ! que o Sul carrega, o mar se empolla ;
 Rasga-se a vela, o mastaréo se parte !
 Qualquer varão prudente aqui já teme
 Não tenho a necessaria força, e arte.
 Corra o sabio Piloto, corra, e venha
 Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede
 Aos homens na ventura, e na desgraça :
 Basta ao feliz não ter total deinencia ,
 Mas quem de venturoso a triste passa ,
 Deve entregar o leme do discurso
 Nas mãos da sá prudencia.

Todo o Ceo se cubrio , os raios chovem ;
 E esta alma, em tanta pena consternada ,
 Nem sabe aonde possa achar conforto.
 Ah , não , não tardes, vem , Marilia amada ,
 Toma o leme da não , marêa o panno ,
 Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:
 Elle me diz que soffra se não morro;
 E perco então se morro huns doces laços.
 Não quero já, Marilia, mais soccorro,
 Oh ditoso soffrer, que lucrar pôde
 A gloria dos teus braços.

L Y R A VI.

D e que te queixas,
 Lingua importuna?
 De que a Fortuna
 Roubar-te queira,
 O que te deu?
 Este foi sempre
 O genio seu.

Levou, Marilia,
 A impia sorte
 Catoens á morte;
 Nem sepultura
 Lhes concedeu.

Este foi sempre
 O genio seu.

A outros muitos,
 Que vis nascêrão,
 Nem merecerão,
 A grandes thronos
 A impia ergueu.

Este foi sempre
 O genio seu.

Espalha a cega
 Sobre os humanos
 Os bens, e os damnos ;
 E a quem se devão
 Nunca escolheu.

Este foi sempre
 O genio seu.

A quanto he justo ,
 Já mais se dobra ;
 Nem igual obra
 C'os mesmos Deoses
 Do céro Ceo.

Este foi sempre
 O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
 N'hum carro ufano;
 E cahe Vulcano
 Da pura esfera,
 Em que nasceu.

Este foi sempre
 O genio seu.

Mas não me rouba,
 Bem que se mude,
 Honra, e virtude:
 Que o mais he della;
 Mas isto he meu.

Este foi sempre
 O genio seu.

LYRA VII.

Meu prezado Glauceste,
 Se fazes o conceito,
 Que bem que réo abrigo
 A candida virtude no meu peito.
 Se julgas, digo, que mereço ainda
 Da tua mão soccorro;
 Ah! vem dar-m'o agora,
 Agora sim que mórrro.

Não quero, que montado
 No Pegaso fogoso,
 Venhas com dura lança
 Ao monstro infame traspassar raivoso.
 Deixa que viva a perfida calunia,
 E forge o meu tormento:
 Com menos, meu Glauceste,
 Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,
 E toca hum pouco nella :
 Levanta a voz celeste
 Em parte que te escute a minha bella ;
 Enche todo o contorno de alegria ;
 Não sofras, que o desgosto
 Affogue em pranto amargo
 O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glaucesta,
 Que hum bom Cantor havia,
 Que os brutos amansava ;
 Que os troncos, e os penedos attrahia.
 De outro destro Cantor tambem affirma ;
 A sabia Antiguidade,
 Que as muralhas erguera
 De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere ;
 O som delgado, e terno
 Ao Rei Plutão abranda,
 E o deixa que penetre o fundo Averno.
 Ah, tu a nenhum cedes, nem Glaucesta ;
 Na lyra, e mais no canto :
 Podes fazer prodigios ;
 Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes :
 Que mais, que mais esperas ?
 Consola hum peito afflito ;
 Que he menos inda, que domar as feras.
 Com isto me darás no meu tormento
 Hum doce lenitivo ,
 Que em quanto a bella vive ,
 Tambem, Glaucesta , vivo.

LYRA VIII.

Eu vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna,

Pega-me pelo braço,

E com voz importuna

Me diz que move o passo;

Que entre no grande Templo, em q se encerra,

Quanto o destino manda;

Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro!

Eu vejo a pobre fundação de Roma,

Vejo-a queimar Carthago;

Vejo que as gentes doma;

E vejo o seu estrago.

Lá florece o poder do Assyrio Povo:

Aqui os Medos crescem

E os perde hum braço novo.

En-

Então me diz a Deosa : E que pertendes?
Todas estas Medalhas ver agora?

Ab ! não , não sejas louco !
Espaço de annos fôra
Para isso ainda pouco.

Deixo estranhos successos ; vem comigo ,
Verás quanto inda deve
Acontecer contigo.

Levou-me aonde estava a minha historia ,
Que toda me explicou com medo , e arte.

Trei-te libras de oiro ,
Me diz , e quero dar-te
Todo aquelle tesouro.

• Não suspira por bens num peito nobre:
Severo lhe respondo.
Vivo affeto a ser pobre.

Aqui me enruga a Deosa irada a testa;
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra, alegra o rosto,
Prosegue, alli te faço
Restituir o posto.*

Respondo com ar de moça, e tom sereno. -

*Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.*

Aqui te dou, me diz, a tua amada.

Então me banho todo de alegria

*Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.*

He esse o bem, respondo, que me move;

Mas este bem be santo,

Vem só da mão de Jove.

Que

Queria mais fallar ; eu insoffrido
 Desta maneira rompo os seus accentos :
Basta, Fortuna, basta;
Estes breves momentos
Lá noutras coizas gasta;
Da minha sorte nada mais contemplo.
 E chamando Marilia
 Suspiro, e deixo o Templo.

L Y R A IX.

A ESTAS horas
 Eu procurava
 Os meus Amores ;
 Tinhão-me inveja
 Os mais Pastores.

A porta abria,
 Inda esfregando
 Os olhos bellos,
 Sem flor, nem fitta
 Nos seus cabellos:

Ah! que assim mesmo
 Sem compostura,
 He mais formosa,
 Que a estrella d'alva;
 Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
 Hum ar mais leve;
 (Que doce effeito!)
 Já respirava
 Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado ,
Eu lhe animava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio , e fonte ,
No prado , e selva ,
Agua mais clara ,
Mais branda relva.

No collo a punha ,
Então brincando
A mim a unia ;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo
 Que eu só com ella
 He que fallava ;
 Ria-se a furto ,
 E disfarçava.

Desta maneira
 Nos castos peitos ,
 De dia , em dia
 A nossa chamma
 Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes
 No chão sentado ,
 Eu lhe lavrava
 As finas rócas ,
 Em que fiava ?

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta;
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava:
Então vaidoso
Assim cantava:

Não

Não ha Pastora,
Que chegar possa
A' minha bella;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito:

Ornão seu peito
As sás virtudes,
Que nos namorão;
No seu semblante
As Graças morão.

Assim vivia :
 Hoje em suspiros
 O canto mudo :
 Assim, Marilia,
 Se acaba tudo.

L Y R A X.

A RDE o velho barril, arde a cabeça,
 Em honra de João na larga rua ;
 O credulo Mortal agora indaga ,
 Qual seja a sorte sua ?

Eu não tenho alcaxofra , que á luz chegue ,
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada ,
 Para ver se rebentão novas folhas ,
 Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo , que despeje
 Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella
 Fingir Palacios grandes , altas Torres ,
 E huma Náo á véla.

Mas , ah ! em bem me lembre : eu tenho ouvido
 Que na boca hum bochecho d'agoa tome ,
 E atráz de qualquer porta attento esteja ,
 Até ouvir hum nome. .

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse
 O nome , que ha de ter a minha amada : .
 Pode verdade ser , se fôr mentira ,
 Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente
 Ouvi dizer o nome de Filena :
 Despejo logo a boca : ah ! não sei como
 Não morro alli de pena !

Apparece Cupido: então soltando
 Em ar de zombaria huma risada.
 E que tal, me pergunta, esteve a peça?
 Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:
 Tu fazes do meu dito tanta conta,
 Que vais acreditar, o que te ensina
 Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo
 Do açoite da Fortuna afflito geme,
 Nas mesmas coisas, que só são brinquedos,
 Se agoirão males, teme.

LYRA XI.

Se acaso não estou no fundo Averno
 Padece, ó minha bella, sim padece
 O peito amante, e terno,
 As afflições tyrannas, que os Preceitos
 Aíbítra Rhadamantho em justa pena
 Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
 Com a ~~uso~~ descarnada não me applicão
 As raivosas serpentes.
 Mas cercão-me outros monstros mais irados:
 Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil, e mil cuidados.

Eu não gosto, Marilia, a vida toda
 Em lançar o penedo da montanha;
 Ou em mover a roda.
 Mas tenho ainda mais cruel tormento:
 Por coisas que me affligem, roda, e gyra
 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
 A's tepidas entranhas não me come
 Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade:
 Devora o coração, que mal palpita,
 O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
 Que de mim se retirão, quando busco
 Fartar o meu desejo;
 Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato,
 Que lograr-te não possa, estando vendo
 Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella;
E n' huma coisa só he mais humana
A minha dura estrella;
Huns não podem mover do Inferno os passos;
Eu pertendo vôar, e vôar cedo
A' gloria dos teus braços.

L Y R A XII.

Ah, Marilia, que tormento
 Não tens de sentir saudosa !
 Não podem ver os teus olhos
 A campina deleitosa ,
 Nem a tua mesma Aldêa ,
 Que tyrannos não proponhão
 A'inda inquieta idéa
 Huma imagem de afflição.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
 Teu ledo rebanho ao prado
 Tu dirás: aqui trazia
 Dirceo tambem o seu gado.
 Verás os sitios ditosos
 Onde, Marilia, te dava
 Doces beijos amorosos
 Nos dedos da branca mão,
 Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
 Sem quereres, descuidada,
 Tu verás, Marilia, a minha
 E minha pobre morada.
 Tu dirás então contigo:
 Alli Dirceo esperava
 Para me levar comsigo:
 E alli soffreo a prisão.
 Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
 Do caro Glaucesta a choça,
 Onde alegre se juntavão
 Os poucos da escolha nossa,
 Pondo os olhos na varanda
 Tu dirás, de mágoa chéa :
 Todo o congresso alli anda,
 Só o meu Amado não.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
 O meu companheiro honrado,
 Sem que me vejas com elle
 Caminhar emparelhado,
 Tu dirás: não foi tyranna
 Sómente comigo a sorte;
 Tambem cortou deshumana
 A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra metido
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados rôxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

L Y R A XIII.

Ves, Marilia, hum cordeiro
 De flores enramado,
 Como alegre caminha
 A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
 A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
 A quem segura o laço:
 No chão as mãos especia:
 Nem quer mover hum passo:
Não conhece que sahe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como
 Lhe dispomos a sorte :
 Hum vai forçado á vida,
 Vai outro alegre á morte,
 Nós temos, minha bella, igual demencia ;
 Não sabemos os fins, com que nos move
 A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
 Os máos matar quizerão :
 De conselho mudárão,
 Como escravo o vendêrão :
 José não corre a ser hum servo afflito :
 Vai subindo os degráos, por onde chega
 A ser hum quasi Rei no grande Egypio.

Quem sabe se o Destino
 Hoje, ó bella, me prende,
 Só porque nisto de outros
 Mais danos me defende?
 Pôde inda raiar hum claro dia.
 Mas quer raiar, quer não, ao Ceo adoro;
 E beijo a santa mão, que assim me guia. -

L Y R A XIV.

A LMA digna de mil Avós Augustos!
 Tu sentes, tu soluças
 „Ao ver cahir os justos;
 Honras as santas leis da Humanidade:
 E aos teus exemplos deve
 Gravar com letras de oiro no seu Templo
 A candida Amizade.

Não

Não he, não he de Heróe huma alma forte;
 Que vê com rosto enhusto
 No seu igual a morte.

Não he tambem de Heróe hum peito duro;
 Que a sua gloria firma,
 Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
 Nem legião, nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora,
 Quando vê a cabeça
 Do bom Pompeo, e chora !
 He grande para mim, quem move os passos,
 E de Dario aos filhos,
 Que como escravos seus tratar podéra,
 Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
 Entre os Heróes do Mundo
 Hum nome glorioso,
 Não he, porque levanta huma cidade;
 He sim, porque nos hombros
 Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
 A mão da branca idade.

Ah ! se ao meu contrario entre as chamas vira,
 Eu mesmo , sim , da morte
 Aos hombros o remira :
 Inda por elle muito mais obrára :
 E se nada servisse ,
 Fizera entrão , Amigo , o que fizeste ,
 Gemêra , e suspirára.

Oh ;

Oh ! quanto são duraveis as cadéas
 De huma amizade , quando
 Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se sustinha
 Nossa união sincera ,
 Foi por ser a minha alma igual á tua ,
 E a tua igual á minha.

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,
 Lá lhe fica a sua alma ,
 Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella ,
 Ah ! sim , honrado Amigo ,
 Se enxugar não poderes os seus olhos ;
 Prantéa então com ella.

L Y R A XV.

Eu, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
 Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
 Vestia finas lâns, e tinha sempre
 A minha chôça do preciso chêa.
 Tirarão-me o casal, e o manso gado;
 Nem tenho a que me encoste hum só cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
 De mór rebanho ainda ser o dono;
 Prezava o teu semblante, os teus cabellos
 Ainda muito mais que hum grande Throno.
 Agora que te offerte já não vejo
 Além de hum puro amor, de hum sâo desejo.

Se o rio levantado me causava
 Levando a sementeira prejuiso ,
 Eu alegre ficava apenas via
 Na tua breve boca hum ar de riso.
 Tudo agora perdi ; nem tenho o gosto
 De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
 As quentes horas da comprida sésta ,
 Escrever teus louvores nos olmeiros ,
 Toucar-te de papoilas na floresta.
 Julgou o justo Ceo , que não covinha
 Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah , minha bella , se a Fortuna volta ,
 Se o bem que já perdi alcanço , e provo ;
 Por essas brancas mãos , por essas faces
 Te juro renascer hum homem novo ;
 Romper a nuvem que os meus olhos ce-ra ,
 Amar no Ceo a Jove ; e ati na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,
 Que pagarei dos poucos do meu ganho ;
 E dentro em pouco tempo nos veremos
 Senhores outa vez de hum bom rebanho.
 Para o contagio lhe não dar sobeja
 Que as affague Marilia , ou só que as veja.

Se não tivermos lans , e pelles finas ,
 Podem mui bem cobrir as carnes nossas
 As pelles dos cordeiros mal cortidas ,
 E os pannos feitos com as lans mais grossas.
 Mas ao menos será o teu vestido
 Por mãos de Amor , por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
 Com canas , e com cestos os peixinhos :
 Nós iremos caçar nas manhãs frias
 Com a vara envisgada os passarinhos :
 Para nos divertir faremos quanto
 Reputa o varão sabio , honesto , e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
 C'os filhos se os tivermos á fogueira;
 Entre as falsas historias, que contares,
 Lhes contarás a minha verdadeira:
 Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
 Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
 Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores;
 Dizendo huns para os outros: olha os nossos
 Exemplos da desgraça, e sãos amores.
 Contentes viviremos desta sorte,
 Até que chegue a hum dos dois a morte.

L Y R A XVI.

V EJO, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Qué assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas ñda soffro
A viva dór.

Tame

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor;
Mas inda soffro
A viva dôr.

edos ofiunp
e fui a
em B u a
a 117 2220
am 1100 1110
;sis le segm. 11
zilhão entzinq 111
m 1100 1110
cifas 1100 1110
nab 1100 1110

Eu mais alcanço;
Que a minha herdade
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

sgero ofiunp A
!emol 1100 1110
al 1100 1110
,emol 1100 1110

Mas

Mas quando sobe
 A' minha idéa,
 Que tu ficaste
 Lá nessa Aldêa.
 De mil cuidados
 E mágoa cheia ;
 Das paixões minhas
 Não sou senhor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

A quanto chega
 A pena forte !
 Peza-me a vida ,
 Desejo a morte ,
 A Jove accuso ,
 Maldigo a sorte ,
 Trato a Cupido
 Por hum traidor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

Mas

Mas este excesso
 Perdão merece,
 E delle Jove
 Se compadece;
 Que Jove, ó bella,
 Mui bem conhece,
 Aonde chega
 Paixão de amor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

L Y R A XVII.

DIRCEO te deixa, ó bella,
 De padecer cançado:
 Frio suor já banha
 Seu rosto descórado;
 O sangue já não gyra pelà vêa;
 Seus pulsos já não batem;
 E a clara luz dos olhos se bacêa:
 A lagrima sentida já lhe corre;
 Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu

Seu espirito chega
 Onde se pune o etro :
 Late o cão , e se lhe abrem
 Grossos portões de ferro.
 Aos severos Juizes se apresenta ;
 E com sentidas vozes
 Toda a sua tragedia representa :
 Enche-se de ternura , e novo espanto
 O mesmo inexorável Rhadamanthio.

Abre hum pasmado a boca ,
 E a pedra não despede ;
 Outro já não se lembra
 Da fome , e mais dia sede :
 Descança o curvo bico , e a garrá impia
 Negro abutre esfaimado :
 Nem a roca medonha Pácea fia o eno
 Até as mesmas Furiás inclementes
 Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes ;
 E o Rei Plutão lhe ordena
 Deixe o sitio , em que ficão
 Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino , e da memoria
 Lhe passa tudo quanto

Ou pôde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.
 Só , bem que o gosto as turvas agoas tome ,
 Inda , Marilia , inda diz seu nome.

Entra já nos Elysios
 Campinas venturoosas ,
 Que mansos rios cortão ;
 Que cobrem sempre as rosas.

Escuta o canto das sonoras aves ,
 E bebe as agoas puras ,
 Que o mel , e de que o leite mais suaves .
 Aqui , diz elle , espero a minha bella ,
 Aqui contente viverei com ella.

Aqui

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma.
Jove inda quer que eu viva.

Eu devo sim gosar teus doces laços;
E em paga dos meus males
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo;
E tu irás despois lá ter comigo.

L Y R A XVIII.

Não molho, Marilia,
 De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
 Não vôle, e não corra,
A hilo apanhar.
Estende-o nas azas
 Sobre elle suspira,
 Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
 Aos tristes gemidos,
 Aos ais lastimosos
 Não guardes unidos,
 Marilia, c'os teus:
 As lagrimas nossas
 No seio amontôa
 Fórm'a azas, e vôa,
 Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
 Que amava aos Troianos,
 Livra-los querendo
 De riscos, e danos
 A Jove buscou.
 As aguas, que o rosto
 Da Deosa banhárão
 A Jove abrandárão,
 E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

L Y R A XIX.

NESTA triste masmorra,
 De hum semivivo corpo sepultura,
 Inda, Marilia, adoro
 A tua formosura.

Amor na minha idéa te retrata,
 Busca extremoso, que eu assim resista
 A' dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
 Então mais vivamente te diviso:
 Vejo o teu rosto, e escuto
 A tua voz, e riso.

Movo ligeiro para o vulto os passos:
 Eu beijo a tibia luz em vez de face;
 E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;
 A violencia da mágoa não supporto ;

Foge-me a vista , e caio

Não sei se vivo , ou morto.

Enternece-se Amor de estrago tanto ;

Reclina-me no peito , e com mão terna

Me limpá os olhos do salgado pranto :

Despois que represento
 Por largo espaço a imagem de hum defunto ,

Movo os membros , suspiro ,

E onde estou pergunto.

Conheço então que Amor me tem comsigo ;

Ergo a cabeça , que inda mal sustento ,

E com docente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso,
 Procura o sitio em que Marilia mōra,
 Pinta-lhe o meu estrago,
 E vê, Amor, se chora.
 Se as lagrimas verter a dōr a arrasta,
 Huma dellas me traze sobre as pennas,
 E para allivio meu só isto basta.

L Y R A XX.

S E me visses com teus olhos
 Nesta masmorra mettido;
 De mil idéas funestas,
 E cuidados combatido;
 Qual seria, ó minha bella,
 Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedêra ;
 E nem estaria vivo ,
 Se o menino Deos vendado ,
 Extremoso , e compassivo ,
 Com o nome de Marilia
 Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;
 O meio dia tem dado ,
 E o cabello inda flutua
 Pelas costas desgrenhado .
 Não tenho valor , não tenho ;
 Nem para de mim cuidar .

Diz-me Cupido : E Marilia ;
 Não estima esse cabello ?
 Se o deixas perder de todo
 Não se ha de enfadar ao vêllo ?
 Suspiro pego no pente ,
 Vou logo o cabello atar .

Vem hum taboleiro entrando
 De varios manjares cheio,
 Põe-se na meza a toalha,
 E eu pensativo passeio:
 De todo o comer estria,
 Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,
 Diz Amor, te tens proposto;
 Fazes bem: terá Marilia
 Desgosto sobre desgosto.
 Qual enfermo c' o remedio
 Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia,
 Em que o Sol já se tem posto,
 Vem-me á memoria que nellas
 Via á janella o teu rosto:
 Reclino na mão a face
 E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : Já basta,
 Já basta, Dirceo, de pranto ;
 Em obsequio de Marilia
 Vai erguer teu doce canto.
 Pendem as fontes dos olhos ;
 Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
 A velha çuja candéa ;
 Fica, Marilia, a masmorra
 Inda mais triste, e mais fêa.
 Nem mais canto, nem mais posso
 Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : São horas
 De escrever-se o que está feito ;
 Do azeite, e da fumaça
 Huma nova tinta ageito ,
 Tomo o pão, que pennas finge ,
 Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono
 Canta o Gallo a vez terceira ;
 Eu digo ao Amor; que fico
 Sem deitar-me a noite inteira :
 Faço mimos, e promessas
 Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide ;
 Que hei-de ver Matilia em sonho ;
 Não respondo huma palavra ,
 A dura cama componho ,
 Apago a triste candéa ,
 E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados
 Resistir, ó minha Bella ,
 Quem não tem de Amor a graça ?
 Se eu que vivo á sombra della
 Inda vivo desta sorte ,
 Sempre triste a suspirar ?

L Y R A XXI.

Que diversas que são, Marilia, as horas
 Que passo na masmorra immunda, e fêa;
 Dessas horas felizes, já passadas
 Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;
 E á sombra de alto Cédro na Campina
 Eu versos te compunha, e elle os compunha
 A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
 De exceder hum ao outro qualquer trata
 O ecco agora diz: *Marilia terna*;
 E logo: *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sátyros as grutas:
 Huim para nós ligeiro move os passos;
 Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
 C'os pés em mil pedaços.

Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece
 Da ternissima Marilia a formosura.
 E aonde, clama o outro, quer Eulina
 Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
 Em quanto em nós durava esta porfia!
 E ella, ó minha amada, só findava
 Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
 Os versos, que de tarde havia feito;
 Mal tos dava, e os lias, os guardavas
 No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas ainda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXII.

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sói
 Na porta segura :
 Abre-se a escura ,
 Infame masmorra
 Da minha prizão.
 Mas , ah ! que não treme ;
 Não treme de susto
 O meu coração.

Eu vejo , Marilia ,
 A mil innocentes
 Nas Cruzes pendentes ,
 Por falsos delictos ,
 Que os homens lhes dão.
 Mas , ah ! que não treme ,
 Não treme de susto
 O meu coração.

Se penso que posso
 Perder o gozar-te
 A gloria de dar-te
 Abraços honestos,
 E beijos na mão.
 Marilia, já treme,
 Já treme de susto
 O meu coração.

Repára, Marilia,
 O quanto he mais forte
 Ainda que a morte,
 N'um peito esforçado
 De amor a paixão.
 Marilia, já treme,
 Já treme de susto
 O meu coração.

L Y R A XXIII.

Não praguejes, Marilia, não praguejes
 A justicaira mão que lança os ferros:
 Não traz de balde a vingadora espada;
 Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
 As mãos se derão, e em seu peito morão:
 Mandão prender ao Réo austera a boca,
 Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia
 Que culpa aquelle tem que applica a penna.
 Não he o Julgador, he o processo,
 E a lei quem nos condenna.

Só no Averno os Juizes não recehem
 Accusaçáo, nem prova de outro humano;
 Aqui todos confessão suas culpas,
 Não pôde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:
 Huma o fogo chega, outra as serpes move;
 Todos maldizem sim a sua estrella,
 Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
 Bem que a prizão me dá que eu não mereço.
 Qual eu sou, minha bella, não me trata,
 Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
 Ao vassallo que julga delinquente;
 Que gosto não terá podendo dar-lhe
 As honras de innocent?

L Y R A XXIV.

Eu vou, Marilia, vou brigar co' as feras :
Huma soltário, eu lhe sinto os passos,

Aqui aqui a espero

Nestes despidos braços.

He hum malhado tigre ; amim já corre,
Ao peito o aperto , estalão-lhe as costelas ,
Desfallece , cahe , urra , treme , e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
 Com faininta paixão a mim se lança;
 Venha embora, que o pulso
 Ainda não se cança.

Opprime-lhe a garganta, a língua estira;
 O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
 Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! tu te assustas?
 Entendes que os destinos inhumanos
 Expoem a minha vida
 No cérco dos Romanos?

Com ursos, e com onças eu não luto.
 Luto c' o bravo monstro que me accusa;
 Que os tigres, e leões mais fero, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
 Da vil calunnia a cortadora espada;
 Huma alma, qual eu tenho,
 Não se recêa a nada.

Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolencia;
 Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
 Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah, quando imaginar, que vingativo
 Mando que desça ao Tartaro profundo
 Hei-de com mão honrada
 Erguer-lhe o corpo ímmundo.

Eu então lhe direi: Infame, indôno,
 Obras como costuma o vil humano;
 Faço o que faz hum coraçao divino.

LYRA XXV.

MINHA Marilia,
O passarinho,
A quem roubárão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.

Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitela,
Tambem nos mostra,
Que se desvela,
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo,
 Que o ferro come,
 Que aos mesmos Reinos.
 Devora o nome,
 Tambem, Marilia,
 Tambem consome
 Dentro do peito
 Qualquer pezar.

Ah só não pôde
 Ao meu tormento
 Por hum momento
 Allivio dar.

Tambem ; ó bella ,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa ;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em lingoas
A's nuvens chegue,
A' força d' agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agoa a vemos
Mais s' inflammars.

O meu discurso,
Marilia, he resto :
A pena iguala
Ao meu affecto.

O amor que nutro
Ao teu aspecto,
E o teu semblante
He singular.

Ah ! nem o tempo ;
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Pode acabar.

L Y R A XXVI.

A QUELLE, a quem fêz cégo a Natureza,
 C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;
 Ainda se despenha muitas vezes,
 E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
 Sim me queixo de que má céga seja
 Céga que nem pergunta, nem apalpa,
 He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
 Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;
 E lança na miseria a quem conhece
 Para que serve o oiro.

A quem fere , a quem rouba , a infame deixa
 Que a traz do vicio em liberdade corra ,
 Eu honro as leis do Imperio , ella me opprime
 N'esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa
 Co' a sólida razão se não coaduna ,
 Como me queixo da Fortuna tanto ,
 Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa
 Que os Sábios fingem que huma roda move
 He só a occulta mão da Providencia ,
 A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que não vemos ;
 A que fins nos conduz por estes modos ;
 Por torcidas estradas , ruins varedas
 Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
 C' o seu mrecimento o virtuoso;
 Parecer desgraçado, ó minha bella,
 He muito mais honroso.

LYRA XXVII.

A MINHA amada
 He mais formosa
 Que branco lyrio,
 Dobrada rosa,
 Que o cinnamomo,
 Quando matiza
 Co' a folha a flor.
 Venus não chega
 Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
C' o vento ondêa,
Ao seu cabello
Quando flutua
Não he igual.
Tem a cõr negra :
Mas quanto val !

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintilão
Na noite escura,
Não são humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são.
Que ao Sol excedem
Na luz que dão.

A's brancas faces,
 Ah! não se atreve
 Jasmis de Italia,
 Nem inda a neve,
 Quando a desata
 O Sol brilhante
 Com seu calôr.
 São neve, e causão
 No peito ardôr.

Na breve boca
 Vejo enlaçadas
 As finas per'las
 Com as granadas;
 A par dos beiços
 Rubins da India
 Tem preço vil.
 Nelles se agarrão
 Amores mil.

Se não lhe désse
 Compadecido
 Tanto socorro
 O Deos Cupido ;
 Se não vivêra
 Huma esperança
 No peito seu ;
 Já morto estava
 O bom Dirceo.

Vê quanto pôde
 Teu bello rosto ;
 E de goza-lo
 O vivo gosto !
 Que sobmergido
 Em hum tormento
 Quasi infernal ,
 Porqu' inda espero
 Resisto ao mal.

L Y R A XXVIII.

DETEN-TE, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me danno.

O quanto que ellas dão he pouco forte,
Procura outras bebidas,
Que apressam mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
A junta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;

Traze o negro licôr, que tem nos dentes;
Nos dentes retorcidos
As raivasas serpentes.

Cachopo levantado,
 Que pôz a Natureza,
 Dentro no Mar salgado,
 Não se abala no meio da tormenta;
 Bem que huma onda, e outra onda
 Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
 As robustas raizes,
 Buscando o centro, afferra,
 Não teme ao furacão mais violento;
 E menos se se deixa
 Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rócha, ó bella,
 Que açoita o Sul que brama,
 E o Mar, que se encapella:

Não temas que do rosto a côr se mude:
 Vence as róchas, e os troncos
 A sólida Virtude.

A maior desventura
 He sempre a que nos lança
 No horror da sepultura:

O cobarde a morrer tambem caminha;
 Com que males não pôde
 Huma alma como a minha?

L Y R A XXIX.

Eu descubro procurar-me
 Gentil mancebo, e loiro,
 Trazia a testa adornada
 Com folhas de verde loiro.
 Vejo ser o Pai das Musas,
 E me entrega a lyra d' oiro.

Já basta, me diz, ó filho,
 Já basta de sentimento;
 O cançado peixe exige
 Hum breve contentamento.
 Louva a formosa Marilia
 Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
 A dôr não socega em tanto.
 Ergo a voz, então reparo
 Que quanto mais corre o pranto
 He mais doce, e mais sonoro
 Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
 Na mão, que regia o braço;
 E depois de estar suspenso,
 De me houvir hum largo espaço;
 Assim diz: o Deos Cupido
 Faz inda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra,
Louva, louva a tua Bella;
Porém vê que ta concedo
Com condiçao, e cuutella...:
Eu lhe corto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.

L Y R A XXX.

O PAI das Musas,
 O Pastor loiro
 Deo-me, Marilia,
 Para cantar-te
 A lyra de oiro.

As cordas firo,
 O brando vento
 Teus dotes leva
 Nas brancas azas
 Ao firmamento.

O teu cabello
 Vale hum thesoiro ;
 Hum só me adorna
 A sabia frente
 Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
 Amor assiste ;
 Delles faz guerra ;
 Ninguem lhe foge ;
 Ninguem resiste.

Algumas vezes
 Eu o diviso
 Tão bem occulto
 Nas lindas cóvas ,
 Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
 Tem os seus ninhos
 Destros Amores ,
 Nelles se gerão
 Os Cupidinhos.

Vences a Venus ,
 Quando com arte
 As armas toma ,
 Porque mais prenda
 Ao fero Marte.

Eu produzia
 Estas idéas ,
 Quando , Marilia ;
 O som escuto
 Das vis cadeas.

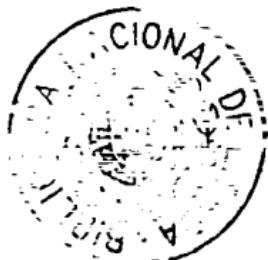
Dou-

Dou hum suspiro,
 Corre o meu pranto;
 E inda bebendo
 Lagrimas tristes,
 De novo canto.

Sou da constancia
 Hum vivo exemplo.
 E vós, ó ferros,
 Honrareis inda
 De Amor o Templo.

L Y R A XXXI.

R OUBOU-ME, ó minha Amada, a sorte impia,
 Quanto de meu gosava
 N'um só funesto dia.



Hon-

Honras de maioral, manada grossa,
 Fertil, extensa herdade,
 Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
 Que he sepulcro sem honras,
 Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
 Venha outro desgraçado
 Sentir tambem comigo.

Mas se esta compânhia não mereço;
 Os Deoses me dão outra,
 Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
 Tu mesma me acompanhas,
 Peno, mas hē contigo.

Não

Não vejo as tuas faces graciosas,
 Os teus soltos cabellos,
 As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera;
 Bem que subira ao Porto,
 Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
 Com ardentes suspiros
 A's vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
 Huma por hum beijo,
 E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
 Que o teu amor na ausencia
 Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
 De novo a molha o pranto
 Que de ternura vertô.

Ah ! leve muito embora o duro Fado ;
 A tudo quanto tenho
 Com meu suor ganhado.

Eu juro , que do roubo nem me queixe ,
 Com tanto , ó minha cara ,
 Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subírão ,
 Os que te amão , sómente
 Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;
 Que eu tenho aquella gloria ,
 Que a mil felizes nega.

L Y R A XXXII.

São o vasto mar se encapella,
 E na rócha em flor rebenta,
 Grossa não, q' não tem léme,
 Em vão sustentar-se intenta;
 Até que naufraga, e corre
 A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma Belleza,
 Em que ponha o seu cuidado,
 Se o Ceo se cobre de nuvens,
 E se assopra o vento irado,
 Não tem forças que resistão
 Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
 Aonde, Marilia, vivo,
 Encosto na mão o rosto,
 Fico ás vezes pensativo.
 Ah! que imagens tão fuestas
 Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
 Marilia, toda enlutada,
 A face de hum pai rugosa,
 N'um mar de pranto banhada,
 Os amigos mascilentos,
 E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
 Para outro diverso lado,
 Vejo n'uá grande Praça
 Hum Theatro levantado.
 Vejo as Cruzes, vejo os Potros,
 Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio suor me cobre,
 Lação-se os membros, suspiro;
 Busco allivio ás minhas ancias,
 Não o descubro, deliro.
 Já, meu Bem, já me parece,
 Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
 A tua testa nevada,
 Os teus meigos, vivos olhos,
 A tua face rosada,
 Os teus dentes crystallinos,
 A tua boca engracada.

Qual, Marilia, a estrella d'alya,
 Que a negra noite affugenta,
 Qual o Sol, que a nevoa espalha
 Apenas a terra aquenta,
 Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
 Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, de sterro
 Triste illusão, e demencia;
 Faz de novo o seu offício,
 A razão, e a prudencia;
 E firmo esperanças doces
 Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
 Sóbe a viva cõr ao rosto;
 Gyra o sangue pela vêa,
 E bate o pulso composto.
 Vê, Marilia, o quanto pôde
 Contra os meus males teu rosto.

F I M.

MARILIA DE DIRCEO.

P O R

F. A. G.

TERCEIRA PARTE.



L I S B O A:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1812.

Com licença.

Vende-se na loja da Gazeta.

MANIA DE DUEGO

100

100

ATMOSFERA

100

100

NA MELHOR REGIA. Tudo isso

100

100

AO LEITOR.

A Geral acceitação , que a primeira , e segunda parte da Marilia de Dirceo tem devido ao Público , animou ao seu Editor a dar á luz huma terceira parte da dita Obra , a que fez juntar outras diversas Rimas do mesmo Author , que lhe fazem honra , e que abonão assás a distincta opinião que tem adquirido naquelle genero de Poesia. Adverte o Editor , que huma terceira parte da dita Marilia de Dirceo ha tempos publicada , he Obra de outro engenho , o que facilmente conhecerá ainda o Leitor menos intelligente.

2013 OA



MARILIA DE DIRCEO.

LYRA I.

Coavidou-me a vêr seu Templo
 O cego Cupido hum dia ;
 Encheo-se de gosto o peito ,
 Fiz deste Deos hum conceito
 Como delle não fazia.

Aqui vejo descorados
 Os ternissimos amantes
 Entre as cadêas gemereim ;
 Vejo nas piras arderem
 As entranhas palpitantes.

*A quem ama quanto avista ,
 (Diz Cupido) não aterra :
 Quem quer cingir o loureiro ,
 Tambem vai soffrer primeiro
 Todo o trabalho da guerra.*

*Com tudo que te dilates
Neste sitio não convenho ;
Deixa a estancia lastimosa ,
Vem vér a Salla formosa ,
Aonde o meu Solio tenbo.*

*Entro n'outro grande Templo :
Que perspectiva tão grata !
Tudo quanto nelle vejo
Passa além do meu desejo ,
E o discurso me arrebata.*

*He de marmore , e de jaspe
O soberbo frontespicio :
He todo por dentro d'ouro ,
E a hum tão rico tesouro
Inda excede o artificio.*

*As janellas não se adornão
De sedas de finas côres :
Em lugar de cortinados
Estão prezos , e enlaçados
Fastões de mimosas flores.*

Em torno da Salla Augusta
 Ardem dourados brazeiros ;
 Queimão rezinas , que estalão ,
 E postas em fumo exalão
 Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do Throno os seus Genios
 Alegres hymnos entoão :
 Danção as Graças formosas ;
 E aqui as horas gostosas
 Em vêz de correrem , vôão.

Estão sobre o pavimento ,
 Igualmente reclinados
 Nos collos de seus amores ,
 Os grandes Reis , e Pastores
 De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro ,
 (Me diz , o Moço risonho :)
Como ainda não reparas
Em tantas cousas tão raras ,
De que este Templo componho ?

Sabes a historia de Jove?

*Aqui tens o manso Touro ;
Tens o Cisne decantado ;
A Velha em que foi mudado ,
Com a grossa chuva d'ouro.*

Applica , Dirceo , agora

*Os olhos para esta parte :
Aqui tens o verde Louro ,
Que inda estima o Pastor louro ,
E a Rede , que enlaça a Marte.*

Vês este Arco destramente

*De branco marfim ornado ?
A' Casta Deosa servia ,
E o perdéo quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.*

Vês esta Lyra ? com ella

*Tira Orpheo ao bem querido
Dos infernos aonde estava.
Vês este Faról ? guiava
Ao meu nadador de Abydo.*

*Vês estas duas Espadas
Ainda de sangue cheias?
A Thysbe, e a Dido matárão;
E os fortes pulsos armárão
De Pyramo, e mais de Eneas.*

*Sabes quem vai no Navio,
Que nesse mar se levanta?
He Theseo. Vês esse Pomo?
He de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.*

*Vê agora estes retratos,
Que destros pinceis fizerão:
Ah! que pinturas divinas!
Todos são das Heroínas,
Que mais victorias me dérão.*

*Repara nesse semblante,
He o semblante de Helena:
Lá se avista a Grega Armada,
E aqui de Troya abrazada
Se mostra a funesta scena.*

Vês est'outra formosura?

He a bella Deidamia;

Lá tem Achilles ao lado,

De huma saia disfarçado

Como com ella vivia.

Cleópatra he quem se segue:

Alli tens lançando a linha

Marco Antonio socegado,

Ao tempo em que Augusto irado,

Com armada mão caminha.

Aqui Hermes se figura:

Vê hum Sabio dos maiores,

Qual infame delinquente,

Ir desterrado sómente

Por contar os seus louvores.

Este he de Omphale o retrato:

Aqui tens (quem o diria!)

Ao grande Hercules sentado

Com as mais damas no estrado,

Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte :

Conheces , Dirceo , aquella ?

Onde váes ? (lhe digo :) explica ,

Que belleza aqui nos fica ,

Sem fazeres caso della ?

Ergo os olhos ponho a vista

Na imagem não explicada ,

O' quanto he digna de appreço !

Mal exclamo assim , conheço

Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos

Em terno pranto sahia ,

E no meu peito saltava :

Disfarçado Amor , olhava

Para mim a furto , e ria.

Depois de passado tempo ,

A mim se chega , e me aballa ;

Desperto de tanto assombro :

Elle bate no meu hombro ,

E assim affayel me falla.

*Sim, caro Dirceo, he esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;
Aqui tens o laço urdido
Da tua immortal ventura.*

*O Numen, Dirceo, o Numen
Que aos trabalhos de hum humano
Desta sorte felicita,
Não he, como se accedita,
Não he hum Numen tyranno.*

*Olha se a cega Fortuna
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares, ou na terra,
Em o seu thesouro encerra
Outro bem de mais valia?*

*Lizas faces cór de rosa,
Brancos dentes, olhos bellos,
Grossos beiços encarnados,
Pescoço, e peitos nevados,
Negros e finos cabellos;*

*Não vale mais, que cingires
 Co' braço de sangue immundo
 Na cabeça o verde louro?
 Do que teres montes d'ouro?
 Do que dares leis ao mundo?*

*Ab! ensina, sim ensina
 Ao vil mortal atrevido,
 E ao peito que adora terno,
Que tem para hum Inferno,
 Para o outro hum Ceo, Cupido.*

*Ao resto Amor me convida;
 Eu chorando a mão lhe beijo:
 E lhe digo, Amor, perdôa
 Não seguir-te; pois não vôa
 A vêr mais o meu desejo.*



LYRA II.

Em vão do amado
 Filho que foge,
 Venus quer hoje
 Noticias ter.

Sagaz, e astuto
 Elle se esconde
 Em parte aonde
 Ninguem o vê.

Dos signaes dados
 Bem se conhece,
 Que elle aborrece
 A Mái que tem.

Se os seus defeitos
 Ella pública,
 Razão lhe fica
 De se offendere.

Foge o Menino,
 E disfarçado
 Vive abrigado
 N'uma cruel.

Com mil caricias
 A impia o trata;
 Nem o desata
 Do peito seu.

Se a semelhança
 Sempre amor gera,
 Deve huma fera
 Outra accolher.

Ah ! se o teu nome,
Marilia , calo ,
Que de ti fallo
Bem podes crer.

LYRA III.

Tu não verás, Marilia, cem captivos
 Tirarem o cascalho, e a rica terra,
 Ou dos cercos dos rios caudelosos,
 Ou da minada Serra.

Não verás separar ao habil negro
 Do pezado esmeril a grossa areia;
 E já brilharem os granetes de ouro,
 No fundo da batéa.

Não verás derrubar os virgens matos,
 Queimar as capoeiras inda novas,
 Servir de adubo á terra a fertil cinza,
 Lançar os gráos nas cóvas.

Não verás enrolar negros pacotes
 Das secas folhas do cheiroso fumo;
 Nem espremer entre as dentadas rodas
 Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espacosa meza
 Altos volumes de enredados feitos ;
 Ver-me-has folhear os grandes livros ,
 E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus Consultos ,
 Tu me farás gostosa companhia
 Lendo os fastos da sabia , mestra Historia ,
 Os Cantos da Poesia.

Lerás en alta voz a imagem bella ;
 Eu vendo que lhe dás o justo appreço ,
 Gostoso tornarei a lér de novo
 O cansado processo.

Se encontrares louvada huma belleza ,
 Marilia , não lhe envejes a ventura ,
 Que tens quem leve á mais remota idade
 A tua formosura.



LYRA IV.

Amor por acaso
 A hum pouso chegava ,
 Aonde accolhida
 A Morte se achava.

Risonhos , e alegres
 Os braços se dérão ,
 E as armas unidas
 N'um sitio pozerão.

De emprezas tamanhas
 Cansados já vinhão ,
 E em larga conversa
 A noite entretinhão.

Hum conta que ha pouco
 A seta aguçada
 Em huma belleza
 Deixára empregada.

Diz outro que as flexas
 Cravára no peito
 De hum grande, que teve
 O Mundo sujeito.

Em quanto das forças
 Cada hum presumia,
 Seus membros já laços
 O sonno rendia.

Dormindo tranquillos
 A noite passárão,
 E inda antes da Aurora
 Com ancia acordárão.

*He tempo que o leito
Deixemos, ó Morte;
Amor, já erguido
Fallou desta sorte.*

*He tempo, em resposta
A morte repete,
Que á nossa fadiga
Dormir não compete.*

*As armas colhamos,
Voltemos ao giro:
Cada hum a seu gosto
Empregue o seu tiro.*

*Vão inda c' os olhos
Em sonno turbados,
Ao sitio em que os ferros
Estão pendurados.*

Amor para as setas
 Da morte se inclina:
 De amor logo a Morte
 C' o as flexas atina.

Oh golpes tyrannos !
 Oh mãos homicidas !
 São tiros da Morte
 De Amor as feridas.

De hum sonho , que pinto ,
 Marilia conhece ,
 Se amor , ou se morte
 Este alma padece.

L Y R A V.

Eu não sou, minha Nize, pegureiro,
 Que viva de guardar alhôo gado;
 Nem sou pastor grosseiro
 Dos frios gêlos, e do Sol queimado,
 Que veste as pardas lás do seu cordeira.

Graças, ó Nize bella,
 Graças á minha Estrella!

A Cresso não igualo no thesouro:
 Mas deo-me a Sorte com que honrado viva.
 Não cinjo corôa d'ouro;
 Mas Póvos mando, e na testa altiva
 Verdeja a Corôa do Sagrado Louro.

Graças, ó Nize bella,
 Graças á minha Estrella!

Maldito seja aquelle, que só trata
De contar escondido a vil riqueza !

Que cego se arrebata
Em buscar nos Avós a vá nobreza,
Com que aos mais homens seus iguaes abata.

Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella !

As fortunas que em torno de mim vejo,
Por falsos bens que enganão não reputo ;
Mas antes mais desejo,
Não para me voltar soberbo em bruto
Por vêr-me grande quando a mão te beijo.

Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella !

Pela Ninfá que jaz vertida em Louro,
O grande Deos Apollo não delira ?
Jove mudado em Touro,
E já mudado em Velha não suspira ?
Seguir aos Deoses nunca foi desdouro.

Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella.

Pertendão Hanibaes honrar a Historia ,
E cinjão com a mão de sangue chèa
Os louros da victoria.

Eu revolvo os teus dons na minha idéa :
Só dons que vem do Ceo são minha gloria.
Graças , ó Nize bella ,
Graças á minha Estrella !

LYRA VI.

Traducção.

Amor que seus passos
 Ligeiro movia,
 Por mil embaraços
 Que hum bosque tecia.

Nos hombros me acena
 Com brando raminho;
 E logo me ordena
 Que siga o caminho.

Por entre a espessura
 Do bosque me avanço:
 E a traz da ventura
 Incauto me lanço.

Já tinha calcado
 Os montes mais duros;
 C' o peito rasgado
 Os rios escuros.

Eis que huma serpente
 A lingua vibrando,
 Me crava o seu dente,
 Me deixa espirando.

Então surprendida
 Da dôr que a traspassa,
 Minha alma ferida
 Aos beiços se passa.

As iras detesta
 Amor isto vendo,
 E as azas na testa
 Me bate dizendo:

*Tu choras, tu gemes
Da Serpe tocado,
E o braço não temes
De hum Numen irado?*

LYRA VII.

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas,
Do turvo Ribeirão em que násceste :

Deixa, Marilia, agora
As já lavradas terras;

Anda affoita romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras.

Ah ! que por ti suspítão
Os meus saudosos lares.

Não corres como Sapho sem ventura
 Em seguimento de hum cruel ingrato,
 Que não sede aos encantos da ternura:

Segues a hum fino amante,
 Que a perder-te morria.

Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella;
 Tu já foste no Sul a minha guia.

Ah! deves ser no Norte
 Tambem a minha Estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado
 Aplaiuar co' tridente as crespas ondas;
 Ficar como dormindo o mar salgado.

Verás, verás d' alheta
 Soprar o brando vento,
 Mover-se o lémee, disrinzar-se o linho,
 Seguirem os Delfins o movimento,
 Que leva na carreira
 O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando
 Converte em branca espuma as negras ondas
 E as talha, e corta com murmurio brando.

Verás, verás Marilia

Da janella dourada,

Que huma comprida estrada representa
 A linsa cristalina, que pizada

Pela poupa que foge

Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso,
 Tornar ao torto anzol depois de o terena.
 Pela rasgada boca ao ar suspenso:

Os pequenos peixinhos

Quaes passaros voarem:

De totinhas verás o mar coalhado,

Ora surgirem, ora mergulharem,

Fingindo ac longe as ondas

Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta
 Hum repuxo formando com as aguas ,
 Que ao ar espalha da robusta venta.

Verás em fim , Marilia ,
 As nuvens levantadas
 Humas de côr azul , ou mais escuras ,
 Outras de côr de rosa , ou prateadas
 Fazerem no Orizonte
 Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Téjo ,
 Apenas elle vir o teu semblante
 Dará no léme do baixel hum beijo.

Eu lhe direi vaidoso :
 Não trago , não comigo
 Nem pedras de valor , nem montes d'ouro ,
 Roubei as aureas Minas , e consigo
 Trazer para os teus cofres
 Este maior Thesouro.

LYRA VIII.

Em cima dos viventes fatigados
 As verdes dormideiras espremia ,
 Os mentirosos sonhos me cercavão.

Na vaga fantasia
 Ao vivo me pintavão
 As glorias , que disperto
 Meu coração pedia.

Eu vou , eu vou subindo a Náo possante
 Nos braços conduzindo a minha bella ;
 Voltêa a grande roda , e a grossa amarra
 Se enlêa em torno della :
 Já ponho a prôa á barra ,
 Já cáhe ao som do apito
 Ora huma , ora outra véla.

Os arvoredos já se não distinguem :
 A longa praia ao longe não branqueija ;
 E já se vão sumindo os altos montes.

Já não ha que se veja
 Nos claros Orizontes ,
 Que não sejão vapores ,
 Que Ceo , e mar não seja.

Parece vão correndo as negras ondas ,
 E o pinho qual rochedo estar parado :
 Ergue-se a onda , vem á Não direita
 E quebra no costado :
 O Navio se deita ,
 E ella finge a ladeira
 Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes ;
 Cahir do Látes a linha , que os engana :
 Hum dourado no anzol está pendente ,
 Soffre morte tyranna :
 Entre tanto que a sente
 Ao tombadilho açoita
 A cauda , e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma Carroça
 De formosas conchinhas enfeitada ;
 Delfins a movem , e vem Thetis nella :

Na popa está parada :
 Nem pôde a Deosa bella
 Tirar os brandos olhos
 Da minha doce amada.

Nas costas dos Golfinhos vem montados
 Os nôz Tritões , deixando a Esfera cheia
 Co' rouco som dos buzios retorcidos.

Recrêa , sim recrêa
 Meus attentos ouvidos
 O canto sonoroso
 Da musica Serêa.

Já sóbe ao grande mastro o bom gageiro ;
 Descobre arrumação , e grita terra :
 A' murada caminha alegre a gente ;

Alguns entetidem que erra :
 Pelo immovel sómente
 Conheço não ser nuvem ,
 Sim o cume de alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres :
 (E que nova alegria me arrebata !)
 De Cascaes a muleta já vem perto ,
 Já de abordar-nos trata :
 Já o piloto esperto
 Inda debaixo manda
 Soltar mezena , e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra :
 A grossa artilharia já me atrôa.
 Lá ficão Paço de Arcos , e a Junqueira.
 Já corre pela prôa
 Huma amarra ligeira ;
 E a Náo já fica surta
 Diante dã grá Lisboa.

Agora , agora sim , agora espero
 Renovar da amizade antigos laços :
 Eu vejo ao velho Pai , que lentamente
 Arrasta a mim os passos :
 Ah como vem contente !
 De longe mal me avista
 Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos pelos pés o aperto,
 E manda que dos pés ao peito passe:
 Marilia quanto eu fiz fazer intenta;

Antes que os pés lhe abrace
 Nos braços a sustenta;
 Dá-lhe de filha o nome,
 Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada (ó Ceos !) acórdo,
 Conheço não estar no claro Téjo.

Abro os olhos, procuro a minha amada,
 E nem se quer a vejo.
 Venha a hora affortunada,
 Em que não fique em sonhos
 Tão ardente desejo.



A huma despedida.

Chegou-se o dia mais triste,
 Que o dia da morte fêa:
 Cahi do throno Dircéa,
 Do throno dos braços teus.

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Impio Fado, que não pôde
 Os doces laços quebrar-me,
 Por vingança quer levar-me
 Distante dos olhos teus.

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim, e vou sem vêr-te,
 Que neste fatal instante,
 Ha de ser o teu semblante
 Mui funesto aos olhos meus.

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

E crês, Dircéa, que devem
 Vêr meus olhos penduradas
 Tristes lagrimas salgadas
 Correrem dos olhos teus?

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

De teus olhos engracados,
 Que podérão piedosos,
 De tristes em venturosos
 Converter os dias meus?

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos divinos,
 Que ternos, e socegados
 Enchem de flores os prados,
 Enchem de luzes os Ceos?

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos em fim ,
 Que domão Tigres valentes ?
 Que nem rígidas Serpentes
 Resistem aos tiros seus ?

Ah ! não posso , não , não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Da maneira que serião
 Em não vêr-te criminosos
 Em quanto forão ditosos ,
 Agora serião réos.

Ah ! não posso , não , não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim , Dircéa bella ,
 Rasgando os ares cinzentos ;
 Virão nas azas dos ventos
 Buscar-te os suspiros meus.

Ah ! não posso , não , não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Talvez, Dircéa adorada,
 Que os duros Fados me neguem
 A gloria de que elles cheguem
 Aos ternos ouvidos teus.

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

Mas se ditosos chegarem,
 Pois os sólto a teu respeito;
 Dá-lhes abrigo no peito,
 Junta-os c' os suspiros teus.

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

E quando tornar a vêr-te
 Ajuntando rosto, a rosto,
 Entre os que dérinos de gosto;
 Restitue-me então os meus.

Ah! não posso, não, não posso
 Dizer-te meu bem adeos.

C A N Ç A O.

Dês que vi, formosa Elvira,
 Os teus divinos cabellos,
 Esses vivos olhos bellos,
 Que inveja dos astros são,
 Foi-se, Elvira, foi-se embora
 Toda a paz do coração.

E talvez, talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo,
 Se suspira,
 Se delira,
 He só por motivo seu.

Em quanto, Elvira, se occulta
 A meus olhos teu semblante,
 Hum minuto, hum breve instante
 Parece que fin não tem.
 Se alcanço de vêr-te a gloria,
 Então vâa o tempo bem.

E talvez, talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo,
 Se suspira,
 Se delira,
 He só por motivo seu.

Quando te ris por acaso
 Para outro qualquer sujeito,
 Estala dentro do peito
 De ciúme o coração:
 Se me pões os olhos julgo
 Que zombas de mim então.

E talvez, talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo,
 Se suspira,
 Se delira,
 He só por motivo seu.

Quando ha brinco na floresta,
 E a divina Olaia canta,
 O mesmo gado levanta
 A cabeça para ouvir.
 Só por mais que Alceo forceje
 Não pôde o prazer fingir.

E talvez , talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo ,
 Se suspira ,
 Se delira ,
 He só por motivo seu.

Quando levo á clara fonte
 O rebanho do meu gado ,
 Cáhe-me da mão o cajado ,
 E com ella á testa vou :
 Fico pasmado , e ignoro
 O lugar aonde estou.

E talvez , talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo ,
 Se suspira ,
 Se delira ,
 He só por motivo seu.

Quando vou segar o trigo,
(Olha bem como ando cego.)

N' uma parte nelle pego,
Metto n' outra a fouce em vão;
Dos que vem alguns se riem,
Outros mostrão compaixão.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,
Sempre sonho que te vejo,
Que te fallo, e que te beijo
A branca nevada mão.
Acórdo, Pastora, e foges:
Eu fico mais triste então.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando alguem meu mal pergunta,
 Bem que seja a vez primeira,
 Rompo ainda que não queira
 O segredo sem saber.
 O teu nome, Elvira, digo,
 Quando devo o seu dizer.

E talvez, talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo,
 Se suspira,
 Se delira,
 He só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,
 Para hum bosque me retiro;
 Com desafogo suspiro,
 E chamo por ti meu bem.
 Os valles que se enter necem
 Chamão-te ao longe tambem.

E talvez, talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo,
 Se suspira,
 Se delira,
 He só por motivo seu.

Quando escuto o triste mocho
 A gemer no meu telhado ,
 Qualquer mal excoxitado
 Não me deve algum temor :
 Só receio que me agoure
 Mão successo ao meu amor.

E talvez , talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo ,
 Se suspira ,
 Se delira ,
 He só por motivo seu.

Os pastores que me avistão
 Com o dedo já me apontão ,
 E á roda do fogo contão
 Da maneira que me veem.
 Sou o exemplo dos amantes
 Que esta nossa Aldêa tem.

E talvez , talvez que Elvira
 Nem se lembre de que Alceo ,
 Se suspira ,
 Se delira ,
 He só por motivo seu.

SONETO I.

He gentil, he prendada a minha Altéa;
 As graças, a modestia do seu rosto
 Inspíráo no meu peito maior gosto,
 Que vêr o proprio trigo quando ondêa.

Mas vendo o lindo gesto de Dircéa
 A nova sugeição me vejo exposto;
 Ah! que he mais engracado, mais composto,
 Que a pura Esfera de mil astros chêa.

Prender as duas com grilhões estreitos
 He huma acção (ó Deoses!) inconstante,
 Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de hum triste amante,
 Ou fórmā de Lorino dous sujeitos,
 Ou fórmā desses dous hum só semblante.

S O N E T O II.

N'um fertil campo do soberbo Douro,
 Dormindo sobre a relva descançava,
 Quando vi que a Fortuna me mostrava
 Com alegre semblante o seu Thesouro.

De huma parte hú montáo de prata , e ouro
 Com pedras de valor o chão curvava ;
 Aqui hum sceptro , alli hum trono estava ,
 Pendião coroas mil de grama , e louro.

*Acabou-se (diz-me então) a desventura :
 De quantos bens te exponho qual te agrada ,
 Pois benigna os concedo , vai , procura.*

Escolhi , acordei , e não vi nada :
 Commigo assentei logo que a ventura
 Nunca chega a passar de ser sonhada.

S O N E T O III.

Enganei-me, enganei-me, paciencia;
 Accreditei as vozes, cri, Ormia,
 Que a tua singeleza igitalaria
 A tua mais que angelica apparencia.

Enganei-me, enganei-me, paciencia;
 Ao menos conheci que não devia,
 Pôr nas mãos de huma externa galhardia
 O prazer, o socego, e a innocencia.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante,
 E nada me admiro de faltares,
 Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdestes mais em me enganares;
 Que tu não acharás hum firme amante,
 E eu posso de traidoras ter milhares.

SONETO IV.

Ainda que de Laura esteja ausente,
 Ha de a chama durar no peito amante;
 Que existe retratado o seu semblante,
 Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vela, e eternamente
 Abraço a sombra vã; só nesse instante
 Conheço quē ella está de mim distante,
 Que tudo he illusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a vêr Amor resista;
 Porque minha paixão, que aos Ceos he grata,
 Por inocente assim melhor persista:

Pois quando só na idéa ma retrata,
 Debuxa os dotes com que prende vista,
 Esconde as obras com que offende ingrata.

SONETO V.

Ao Templo do Destino fui levado:
 Sobre o Altar hum Cofre se firmava,
 Em cujo seio cada qual buscava
 Tremendo annuncio do futuro estado.

Tiro hum papel, e leio: Ceo Sagrado!
 Com quanta causa o coração pulsava:
 Este duro Decreto escrito estava,
 Com negra tinta pela mão do Fado.

*Adore Polidoro a bella Ormia,
 Sem della conseguir a recompensa,
 Nem quebrar-lhe os grilhões a tyrannia.*

Das mãos, Amor mo arranca, e sem detença
 Tres vezes o levando á boca impia,
 Jurou comprar á risca a tal sentença.

SONETO VI.

Ergue-te , ó Pedra , e desde a margem fria ,
 Que os muros banha a Lusitana Athenas ,
 Mostra-me as desmaiadas assucenas
 Do rosto que me occupa a fantasia.

Deixa q̄ eu beije a mão , q̄ pôde hum dia
 Ceder de amor ás lastimosas scenas ;
 Q' entre as ancias , a dôr , a mágoa , as penas
 Renove a saudosa idolatria.

Sólto do véo mortal , oh Feliz Astro ,
 Une ao cadaver a truncada testa ,
 Levanta o bello cólo de alabastro :

Huma alma grande junto a ti protesta
 Fazer a gloria da defunta Castro ;
 A illustre Neta vez : Maria he esta.

A' Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa de Cavalleiros , D. Maria José de Eça e Bourbon.

SONETO VII.

Quantas vezes Lidora me dizia,
 Ao terno peito minha mão levando,
 Conjurem-se em meu mal os Astros, quando
 Achares no meu peito aleivosia.

Então que não chorasse lhe pedia,
 Por firme seu amor acreditando;
 Ah! que em movendo os olhos suspirando
 Ao mais acautellado enganaria.

Hum anno assim vivo: ó Ceos! agora
 Mostrou que era mulher: a natureza
 Só por não se mudar a fez traidora.

Não, não darei mais cultos á belleza,
 Que depois de faltar á fé, Lidora,
 Nem creio que nas Deosas ha firmeza.

S O N E T O VIII.

O Numen Tutelar dā Monarquia,
 Que fez do grande Henrique a invicta espada;
 Procurou dos Destinos a morada,
 Por consultar a idade que viria.

A mil, e mil heróes descriptos via,
 Que exaltão de Furtado a estirpe honrada,
 E na serie, que adora dilatada,
 O nome de Francisco descobria.

Contempla huma por húa as letras d'ouro,
 Este penhor, que o tempo não consome,
 Promette ao Reino seu maior thesouro.

Prosta-se o Genio: e sem q̄ a empreza tome
 De lhe buscar sequer mais outro agoiro,
 O sitio beija, e lhe mostra o nome.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
 Visconde de Barbacena, Francisco Furtado
 de Mendonça.*

S O N E T O IX.

Nascer no berço da maior grandeza,
 De palmas, e de louros rodeado,
 Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,
 Que illustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora, e preza
 O dom que o nobre sangue trás herdado
 Pela propria virtude sustentado,
 Feliz o objecto da presente empreza.

De mil Heróes no Téjo vencedores
 Hum ramo nasce, hum ramo que a memoria
 Faz immortal de seus Progenitores.

Eu leio em vaticinio a sua historia ;
 Une Francisco a par de seus maiores
 Ao herdado explendor a propria gloria.

Ao mesmo excellençissimo Visconde.

S O N E T E X.

Mudou-se em fim Lidora, essa Lidora
 Por quem mil vezes fé me foi jurada ;
 Que vos detem (ó Ceos !) que castigada
 Ainda não deixais tão vil traidora ?

Não haja piedade : sinta agora
 A dita sem remedio em mal trocada ;
 Pois se assim não sucede, fica ousada
 Para ser outra vez enganadora.

Vingai , ó justos Ceos . . . , mas ah ! q̄ digo ?
 Que maltrateis Lidora ? o sentimento
 Privou-me do discurso , eu me desdigo.

Não , não vibreis o raio violento ;
 Pois sei que a compaixão do seu castigo ,
 Hade augmentar depois o meu tormento.

S O N E T O XI:

A Deos cabana , a Deos ; a Deos , ó gado ,
 Albina ingrata , a Deos , em paz te deixo :
 A Deos doce rabil , neste alto freixo
 Te fica ao meu destino consagrado.

Se te for meu successo perguntado ,
 Não declares rabil de quem me queixo ;
 Não quero que se saiba vive Aleixo
 Por causa de huma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido ,
 Lhe dize então piedoso : Ah ! vaite embora ,
 Atalha os damnos , que outros tem sentido.

Habita nessa Aldêa huma Pastora
 De rosto bello , coração fingido ,
 Humas vezes cruel , e as mais traidora.

S O N E T O XII.

Com pezadas cadeias maniatado,
 A's vozes da razão insurdecido,
 Dos Ceos, de mim, dos homens esquecido
 Me vi de amor nas trévas sepultado.

Alli aliviava o meu cuidado
 Có dar de quando em quando algum gemido :
 Ah tempo ! que sómente reflectido
 Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia , quando a falsidade
 De Laura me tornou n'um breve dia
 Quanto a razão não pôde em longa idade.

Quebrei o vil grilhão que me opprimia :
 O' feliz de quem goza a liberdade !
 Bem que venha por mãos da aleivosia.

SONETO XIII.

Obrei quanto o discurso me guiava ;
 Ouvi os Sabios quando errar temia :
 Aos bons no gabinete o peito abria ;
 Na rua a todos como iguaes honrava.

Julgando os crimes nunca voto dava
 Mais duro , ou pio do que a Lei pedia ;
 Mas podendo salvar o justo ria ,
 E devendo punir ao réo chorava.

Nem forão , Villa Rica , os meus intentos
 Metter em ferreo cofre copia d'ouro ,
 Que chegue aos filhos , e que passe aos netos.

Outras são as venturas que me agouro :
 Ganhei saudades , adquiri affectos ,
 Vou fazer destes bens melhor thesouro.

*Feito quando o Author acabou o Lugar
 de Ouvidor de Villa Rica , e foi despachado
 para Desembargador da Bahia.*

S O N E T O XIV.

Quando o torcido buço derramava
 Terror no aspecto ao Portuguez sisudo ,
 Quando sem pó , nem oleo o pente agudo
 Duro intenso o cabello em laço ataya.

Quando contra os Irmáos o braço armava
 O forte Nuno oppondo escudo , a escudo ;
 Quando a palavra que perfere a tudo
 Com a barba arrancada Jóão firmava.

Quando a mulher á sombra do marido
 Tremer se via : quando a Lei prudente
 Zelava o sexo do civil ruido ;

Feliz então , então só inocente
 Era de Luso o Reino : oh bem perdido !
 Ditosa condiçáo , ditosa gente !

SONETO XV.

Sombras illustres dos varões famosos,
 Que á Grecia, e Roma destes Leis hum dia;
 Vós que do Elycio na região sombria
 Respiraes entre os Zefiros mimosos.

Grande Licurgo, ó tu Solon, q̄ honrosos
 Louros cingis, que egregia companhia
 Fazeis aos Mazzarinos, eu queria
 Adorar vossos vultos magestosos.

Vós fizestes da vossa Patria a gloria;
 Por vós hoje he feliz a humanidade:
 Que dignos sois de huma immortal historia!

Cesce, cesse porém vossa vaidade;
 Que basta a escurecer vossa memoria
 Hum Carvalho, que adora a nossa idade.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
 Marquez de Pombal reformando a Uni-
 versidade de Coimbra.*

S O N E T O XVI.

As molles azas a bater começa
 Entre as palhas o tenro passarinho,
 E largos dias por deixar o ninho
 Se cança , se fadiga , se arremeça.

Hú impulso , outro impulso é vao se apresa,
 Já se firma no pé , já no biquinho ,
 Nas folhas se tem , passa ao raminho
 Té que a penna se esforce , e se endureça.

Quando enfim he capaz de movimento
 Deixa os arbustos vaga pelos ares ,
 E sobre as altas faias toma assento :

Estes sejão , Salicio , os exemplares
 Em que a vossa virtude anime o alento ,
 Porque hum dia da Fama honre os Altares.

Ao Ilustrissimo Senhor Luiz Beltrão de Gouvea.

O D E.

Se entre as louras arêas
 Do meu Jaquitinhonha , hum Genio erguido
 A's Regiões alheas
 Manda que em doce metro repetido
 Hoje o teu Nome leve ,
 Tanto á virtude , meu Beltrão , se deve.

Vejo a sordida inveja
 De ira morder-se , e as serpes sacudindo
 Por se tragar forceja :
 De pejo , e de vergonha em vão cobrindo
 Co' as frias mãos o rosto ,
 Geme a calunnia no mortal desgosto.

Vós , Genios fortunados ,
 Que do Templo da Gloria honrais a estancia ,
 Os meritos sagrados
 Cantai do bom Ministro : He a constancia ,
 A sab' a forteza
 He quem o guia na maior empreza.

Se os rigidos palmares
 Da Idumeya consulto; o bravo Noto
 Os tormentosos ares
 Não podem mais dobralos: zomba immoto,
 Nem ás ondas tem medo
 Sobranceiro ao Egeo, firme penedo.

Tal a constancia tua
 Em meio foi dos perfidos rumores;
 A verdade, que nua
 Derramava em teu rosto as vivas côres,
 Sobre as aras decentes
 Vio por triunfo mil trofeos pendentes.

A vigilancia, o zelo,
 A rectidão do espirito; elevada
 Ao gráo mais rico, e bello,
 Essa virtude, que nos traz provada
 Em meio dos Thesouros
 A sá virtude, que enobrece os Louros:

Tudo, tudo apparece
 Sabio Ministro da víctoria ao lado;
 Athenas, que me offerece
 No seu público Erario accreditado
 Aristides, o Justo,
 Em ti acena o seu modelo augusto.

Mil vezes orgulhosa
 Negra calumnia o seu desterro tenta ;
 A virtude preciosa
 Contra o fero Themistocles sustenta.
 Não ha força que baste ,
 Não ha poder que o peito lhe contraste.

Feliz o Rei , o Povo ,
 Feliz tambem de Themis a ballança ;
 De hum modo raro , e novo .
 Nas tuas mãos eu vejo , que descança :
 Aos premios , ao castigo
 Se reparte sem queixa o braço amigo.

Ah ! sinta a nossa idade
 De hum sangue illustre , de hum talento raro
 A próvida igualdade !
 Melhor do que nos marmores de Pharo ,
 Em memoria aos vindouros
 T'ergue o Serro hú Padrão nos seus Thesouros.



Imitando o sonho de Scipião.

O D E.

Já vou tocando, ó Licio,
 De Lustros dez o fatigado termo;
 E já meu corpo enfermo
 Se avisinha da morte ao duro officio:
 Que cedo o meu destino me promette
 Calcar as sombras do medonho Lethe!

Eu descerei contente
 A ver os Manes dos Avós amados;
 Que bem aventurados,
 Se outro mundo tratarão, se outra gente!
 Não virão elles, como eu triste vejo,
 O velho mundo peiorar sem pejo.

Passarão da innocencia
 Pela candida estrada os pés levando;
 Inda a fera violencia
 Não corrompia da Justiça o mando;
 Praticava-se a próvida igualdade
 Entre a Santa Virtude, e a vil maldade.

A pura fé do Amigo,
 Renovava de Orestes a memoria:
 Commum era o perigo,
 Reciproca tambem a pena, a gloria:
 Que traições, e que enganos tem disposto
 Em nossos dias hum singido rosto!

Tudo se vê mudado
 Nesta idade fatal em que de ferro
 O Idolo adorado
 Torpemente protege o crime, o erro:
 Como de susto, e de vergonha cheia
 Se retira de nós a bella Astrea!

Ah! E quem de teus laços
 Deve ao pezo gemer, ó mundo cego?
 Rotos em mil pedaços
 Os teus griihões a pendurar já chego;
 Não mais os teus encantos me deleitem,
 Estes miserios restos se aproveitem.

Que diferentes climas
 Já me finjo habitar! Os brandos ares,
 Que tu Zefiro, animas
 Que prazeres me inspirão! Dos pezares,
 Das magoas, do desgosto, e do tormento
 Aqui não sôa o tragicó lamento.

Sôlto do mortal manto
 Cuido que o centro dos Elyrios piso !
 Oh quanto he bella , quanto
 A margem deste Lago ! Em fresco riso
 Lírios , e rosas , quaes não colhe Flora ,
 Aqui saudão a perpetua Aurora.

Adoravel sciencia ,
 Que encheste as noites , e esgotaste os dias ,
 Da humana intelligencia ,
 Agora sei quam longe te desvias !
 Este o seio da luz , aonde tudo
 Sem fadiga se alcança , e sem estudo !

O número , a distancia
 Dos Orbes Celestiaes já sabio admiro :
 Noto a eterna constancia
 Do Planeta da Luz ; observo o giro
 Da Terra , que regula a varia face
 Com que a proxima Lua , ou morre , ou nasce.

Certa , e firme a carreira
 Já marco de Saturno , Marte , ou Jove ,
 Da esfera derradeira
 Contemplo a força , que os mais Orbes move ;
 A harmonia me encanta acorde , e rara ,
 Que de Samos o Sabio já notára.

Aqui se patentêa
 Dos errados systemas o conceito ;
 E longe a minha idéa
 De vacilar , já firma o mais perfeito.
 Quem senão tu , ó Genio , sobre humano
 Libertar me poderá deste engano !

De Massinissa o Paço
 De Carthago ao Heróe tal scena pinta :
 Ao soberbo ameaço
 Da Fortuna , elle vê clara , e distincta ,
 Qual o meu Genio me retrata agora ,
 A bella Patria , onde o descânço mora.

He este , ó Licio , he este
 Sem dúvida , o Paiz bello , e sereno ,
 Aonde em paz celeste
 Não respira da inveja o atroz veneno :
 E aonde livres da infeliz mudança
 Descança o teu , e o meu bom Pai descança.

Que doce companhia
 Deveremos fazer-lhes ? Ah se apresse
 O momento que hum dia
 Tão gostosa união nos lavra , e tece !
 Cheguemos a beijar as Mâos Sagradas ,
 Que enchem de gloria as immortais Moradas ,

Em praticas suaves
Alli as breves horas gastaremos;

Nem já nos serão graves
Na lembrança os trabalhos que aqui temos;
Nem da pezada humanidade nossa
Pena haverá, que atormentar-nos possa.

Mas tu, que dos humanos
Reges, ó Grande Deos, a dubia sorte;

Tu, que a meta dos annos
Firmas, descendo de teu mando a morte,
Dilata os dias do meu Licio, em quanto,
Douto me instrue, e me entertem seu canto.

— — — — —

F I M.



11/12/01
6

Le m. brouillons de la
VIII se présente dans une
telle forme qu'il est difficile
de déterminer quelles sont les
différences entre le manuscrit
et l'édition.

Le m. brouillon de la VIII
se présente dans une
telle forme qu'il est difficile
de déterminer quelles sont les
différences entre le manuscrit
et l'édition.

